

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

ÁREA: METROLOGIA DO DESPORTO APLICADA À PATINAGEM

Título: Análise do jogo e do rendimento desportivo no hóquei em patins

Subtítulo: Conceito, métodos e aplicações nos escalões de Juvenis e Juniores



Jorge Bruno Azevedo Ferreira

Coimbra 2005

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

ÁREA: METROLOGIA DO DESPORTO APLICADA À PATINAGEM

Título: Análise do jogo e do rendimento desportivo no hóquei em patins

Subtítulo: Conceito, métodos e aplicações nos escalões de Juvenis e Juniores

Jorge Bruno Azevedo Ferreira

Coimbra 2005

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação com vista à obtenção do grau de licenciado em Ciências do Desporto e Educação Física, com a orientação do Mestre Vasco Vaz e coordenação do Professor Doutor Manuel Coelho e Silva.

AGRADECIMENTOS

Para a concretização deste trabalho, contei com o apoio de inúmeras pessoas que sempre me acompanharam desde o início desta etapa, oferecendo-me a sua colaboração e a coragem para ultrapassar todos os obstáculos.

Assim, pretendo deixar aqui o meu agradecimento, a todos os que contribuíram para a elaboração deste estudo:

Ao Professor Manuel João Coelho e Silva, pela sua atenção, pelos conhecimentos e disponibilidade para ajudar, coordenando sempre da melhor forma este estudo.

Ao Professor Vasco Vaz, que me orientou durante todos os passos na concepção deste trabalho, pela sua paciência, empenho, por toda a disponibilidade e por tudo o que me proporcionou.

A todos os meus amigos, pela ajuda e incentivo prestado, a qual contribuiu para amenizar a elaboração deste trabalho.

Aos meus amados Pais, Irmão, Madrinha e Avó, que sempre me ajudaram, me apoiaram e me acariciaram, aos quais dedico a minha licenciatura.

RESUMO

O principal objectivo do presente estudo, é comparar o escalão de Juvenis e Juniores masculinos ao nível internacional, no Hóquei em Patins, através da análise do jogo e do rendimento.

Foram estudados aspectos ligados à posse de bola, determinantes no desenrolar de um jogo e recolhidos dados de uma amostra constituída por 4 selecções, Portugal, Espanha, Itália e Suíça, pertencentes ao escalão de Juniores, que disputaram o Campeonato Europeu de Juniores, de 4 jogos completos, com um total de 609 acções de jogo. Além destes, foram consultados os dados recolhidos por Duque (2004), referentes ao Campeonato Europeu de Juvenis.

Os resultados obtidos indicam que existem semelhanças e evoluções relativamente aos dois escalões, embora também existam algumas diferenças. Assim, no que respeita ao número de posses de bola, vemos que estas vão aumentando à medida que aumenta o escalão. A maioria das acções terminam em remate, sendo de salientar a reduzida eficácia patente pelo elevado número de remates, em relação ao número de golos.

O ataque organizado aparece como sendo a fase predominante, embora seja o contra-ataque a fase de jogo mais produtiva onde a taxa de eficácia é superior, sendo as zonas centrais e próximas da baliza as preferidas para o remate. Nas fases de jogo, verificamos que o contra-ataque vai diminuindo à medida que o escalão aumenta, ao contrário do ataque rápido que vai aumentando.

No aspecto táctico evidencia-se um aumento com a idade, observada no número de posses de bola que é mais elevado, devendo-se em parte pela maior eficácia da defesa. Assim, poderemos dizer que é mais difícil criar situações de superioridade numérica e de finalização iminente. O rigor táctico poderá estar relacionado com este facto, condição importante na distinção entre atletas juvenis, juniores e seniores, considerando a experiência um peso bastante preponderante.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	v
ÍNDICE DE GRÁFICOS	vi
ÍNDICE DE TABELAS	vii
ÍNDICE DE QUADROS	ix
ÍNDICE DE CAMPOGRAMAS	x
ÍNDICE DE ANEXOS	xi
ABREVIATURAS	xii
CAPÍTULO I:	1
INTRODUÇÃO	1
1. Apresentação do problema	1
2. Pertinência do estudo	2
3. Objectivos do estudo	2
CAPÍTULO II:	3
REVISÃO DA LITERATURA	3
1. Observação e análise	3
1.1. <i>Análise de jogo, observação e scouting</i>	3
1.2. <i>Organização/Construção de uma grelha de observação</i>	5
1.3. <i>Observação Directa e Indirecta</i>	6
2. Caracterização do hóquei em patins	7
3. Observação no hóquei em patins	8
CAPÍTULO III:	12
METODOLOGIA	12
1. Amostra	12
2. Procedimentos gerais	12
3. Categorias de observação	13
3.1. <i>Origem da posse de bola:</i>	13
3.2. <i>Fim da posse de bola:</i>	13
3.3. <i>Zonas e Áreas de início e fim da posse de bola.</i>	13
3.4. <i>Fases de jogo.</i>	13
3.5. <i>Sistema defensivo.</i>	14
CAPÍTULO IV:	15
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	15
1. Análise global do jogo	15
CAPÍTULO V:	30
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
1. Análise global do jogo	30
1.1. <i>Relação entre as posses de bola e as fases de jogo.</i>	30
1.2. <i>Áreas de início de posse de bola</i>	31

1.3. Acção na origem das posses de bola	31
1.4. Relação entre as origens da posse de bola nas diferentes fases de jogo	32
1.5. Relação entre as áreas de início de posse de bola e as fases de jogo.....	33
1.6. Relação entre o fim da posse de bola e as fases de jogo.....	33
1.7. Relação entre as áreas de fim da posse de bola e as fases de jogo	34
1.8. Relação entre o tempo da posse de bola e a fase do jogo	34
1.9. Relação entre a distribuição por sistema defensivo, de onde se remata, com que eficácia e com que tempo de duração da posse de bola na situação de ataque organizado	35
CAPÍTULO VI:	36
CONCLUSÕES	36
1. ANÁLISE GLOBAL DO JOGO	36
2. LIMITAÇÕES DO PRESENTE ESTUDO.....	37
3. SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS.....	37
CAPÍTULO VII:.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: A interdependência dos meios e métodos de observação e análise do jogo (Garganta, 1998)	5
--	---

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Comparação relativa das categorias de início da posse de bola, nas três fases de jogo, separadamente para juvenis e juniores.	21
--	----

INDICE DE TABELAS

Tabela 1. Número de posses de bola por jogo, separadamente para juvenis e juniores.	14
Tabela 2. Distribuição absoluta e relativa das posses de bola nas diferentes fases de jogo, separadamente para juvenis e juniores.	17
Tabela 3. Distribuição absoluta e relativa das zonas e áreas de início das posses de bola, separadamente para juvenis e juniores.	18
Tabela 4. Distribuição absoluta e relativa da acção na origem do início das posses de bola, separadamente para juvenis e juniores.	19
Tabela 5. Distribuição absoluta e relativa das diferentes fases de jogo, separadamente para juvenis e juniores.	19
Tabela 6. Distribuição absoluta e relativa das categorias de início da posse de bola na fase de jogo de contra-ataque, separadamente para juvenis e juniores.	20
Tabela 7. Distribuição absoluta e relativa das categorias de início da posse de bola na fase de jogo de ataque rápido, separadamente para juvenis e juniores.	20
Tabela 8. Distribuição absoluta e relativa das categorias de início da posse de bola na fase de jogo de ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.	21
Tabela 9. Distribuição absoluta e relativa das áreas de início da posse de bola em contra-ataque, separadamente para juvenis e juniores.	22
Tabela 10. Distribuição absoluta e relativa das áreas de início da posse de bola em ataque rápido, separadamente para juvenis e juniores.	23
Tabela 11. Distribuição absoluta e relativa das áreas de início da posse de em ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.	24
Tabela 12. Distribuição absoluta e relativa do número de acções de fim de posse de bola, em contra-ataque, separadamente para juvenis e juniores.	25
Tabela 13. Distribuição absoluta e relativa do número de acções de fim de posse de bola, em ataque rápido, separadamente para juvenis e juniores.	25
Tabela 14. Distribuição absoluta e relativa do número de acções de fim de posse de bola, em ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.	26
Tabela 15. Distribuição absoluta e relativa das áreas de fim de posse de bola, em contra-ataque, separadamente para juvenis e juniores.	27

Tabela 16. Distribuição absoluta e relativa das áreas de fim de posse de bola, em ataque rápido, separadamente para juvenis e juniores.	28
Tabela 17. Distribuição absoluta e relativa das áreas de fim de posse de bola, em ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.	29
Tabela 18. Distribuição absoluta e relativa do tempo de posse de bola em cada fase do jogo, separadamente para juvenis e juniores.	30
Tabela 19. Distribuição absoluta e relativa por sistema defensivo, de onde se remata, com que eficácia e com que tempo de duração da posse de bola na situação de ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.	31

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Vantagens e desvantagens da observação directa e indirecta	7
---	---

ÍNDICE DE CAMPOGRAMAS

Campograma 1. Distribuição relativa das zonas e áreas de início das posses de bola no escalão de Juvenis.	18
Campograma 2. Distribuição relativa das zonas e áreas de início das posses de bola no escalão de Juniores.	18
Campograma 3. Distribuição relativa das áreas de início da posse de bola em contra-ataque no escalão de Juvenis.	22
Campograma 4. Distribuição relativa das áreas de início da posse de bola em contra-ataque no escalão de Juniores.	22
Campograma 5. Distribuição relativa das áreas de início da posse de bola em ataque rápido no escalão de Juvenis.	23
Campograma 6. Distribuição relativa das áreas de início da posse de bola em ataque rápido no escalão de Juniores.	23
Campograma 7. Distribuição relativa das áreas de início da posse de bola em ataque organizado no escalão de Juvenis.	24
Campograma 8. Distribuição relativa das áreas de início da posse de bola em ataque organizado no escalão de Juniores.	24
Campograma 9. Distribuição relativa das áreas de fim de posse de bola, em contra-ataque no escalão de Juvenis.	27
Campograma 10. Distribuição relativa das áreas de fim da posse de bola em contra-ataque no escalão de Juniores.	27
Campograma 11. Distribuição relativa das áreas de fim de posse de bola, em ataque rápido no escalão de Juvenis.	28
Campograma 12. Distribuição relativa das áreas de fim de posse de bola, em ataque rápido no escalão de Juniores.	28
Campograma 13. Distribuição relativa das áreas de fim de posse de bola, em ataque organizado no escalão de Juvenis.	29
Campograma 14. Distribuição relativa das áreas de fim de posse de bola, em ataque organizado no escalão de Juniores.	29

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Ficha de observação

Anexo 2. Campograma

Anexo 3. Fichas de observação dos jogos observados

Anexo 4. Categorias utilizadas

ABREVIATURAS

JDC	Jogos Desportivos Colectivos
HxH	Defesa Individual
P	Pressão Defensiva
--	Desorganização Defensiva

CAPÍTULO I:

INTRODUÇÃO

1. Apresentação do problema

O presente estudo está integrado no âmbito da disciplina de Seminário, do 4.º ano da Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, e tem como objectivo abordar a Metrologia do Desporto Aplicada à Patinagem, no que respeita ao conceito e métodos de análise do jogo e do rendimento desportivo em Hóquei em Patins nos escalões de Juvenis e Juniores.

Segundo Garganta (1998), no universo desportivo é já um lugar comum afirmar que o rendimento competitivo é multidimensional por serem vários os factores que concorrem para a sua efectivação. Neste sentido deverá ser destacada a elevação do jogo a objecto de estudo, procurando analisar e avaliar as razões e motivos para as derrotas e vitórias, para o resultado e rendimento de cada equipa, em cada jogo.

O hóquei em patins, aparece, nos dias de hoje, carenciado ao nível de trabalhos científicos relativamente a outros desportos colectivos, que são amplamente estudados e analisadas, pelos mais variados autores, conseguindo um maior desenvolvimento e projecção, como por exemplo no Basquetebol e Futebol, (Claudino (1993); Sampaio (1997); Garganta (1998), entre tantos outros).

A necessidade deste tipo de estudos, advém da importância dada à quantificação dos factores que contribuem para o resultado de cada jogo. Torna-se cada vez mais importante saber com exactidão o porquê das vitórias e das derrotas, procurando transformar o rendimento de uma equipa, de modo a que os treinadores se sintam mais activos e preparados para as adversidades colocadas pelas equipas adversárias.

Assim, será muito importante que sejam realizados e entregues aos treinadores, mais estudos acerca da modalidade, de forma a contribuir para o desenvolvimento de áreas afectas ao jogo, que proporcionem aos mesmos outras fontes de informação, pertinentes para o rendimento e prestação desportiva dos seus atletas.

2. Pertinência do estudo

Embora se tenha assistido ao aparecimento de alguns trabalhos nos últimos anos, ainda são escassos os estudos realizados no Hóquei em Patins relativamente à observação e análise de jogo. Com este estudo pretendemos, continuar a contribuir para a evolução da modalidade, tentando encontrar referências, causas e factores que poderão influenciar o desempenho das equipas, tendo sempre por base a posse de bola.

O nosso estudo vem no seguimento de outros anteriormente realizados que procuraram explorar o mesmo problema, pensando que o acesso a estes dados é indispensável para os treinadores, que poderão apoiar os seus processos de treino em dados concretos, tirando o máximo de rendimento dos seus atletas e atingir os objectivos pré-estabelecidos.

3. Objectivos do estudo

Na elaboração deste estudo foi dado um papel preponderante à posse de bola, pois em nossa opinião é um factor de extrema importância na definição de um conjunto de situações ocorridas ao longo do jogo de Hóquei em Patins, podendo ter influência no resultado final, discriminando equipas vencedoras e vencidas.

Assim, os principais objectivos definidos foram: determinar o número de posses de bola por jogo; as principais áreas e zonas de início e fim da posse de bola; analisar as acções que estão na origem/fim da posse de bola; analisar a distribuição das fases de jogo; investigar a associação entre o início/fim da posse de bola e a fase do jogo; e verificar a associação entre a fase de jogo e o tempo de posse de bola.

CAPÍTULO II:

REVISÃO DA LITERATURA

1. Observação e análise

1.1. Análise de jogo, observação e scouting

A análise do jogo a partir da observação do rendimento dos jogadores e das equipas constitui para Garganta (1998) um forte argumento para a organização e avaliação dos processos de ensino e treino nos jogos desportivos colectivos, pois de acordo com Sarmiento (1991) o treinador desportivo é constantemente confrontado com a necessidade de corrigir e aperfeiçoar as execuções dos atletas. Assim, a metodologia utilizada para observar o movimento humano decorre da necessidade de conferir rigor ao rendimento desportivo. Esta é a preocupação da metrologia do desporto.

A análise de jogo, traduz-se no estudo do jogo, através da observação da actividade dos jogadores e das equipas, tem como principais funções, segundo Garganta (1999), diagnosticar, corrigir e tratar dados recolhidos, disponibilizando informação sobre a prestação dos jogadores e das equipas. Porém essa análise implica o estudo da estrutura básica do adversário a defrontar, com o intuito de ser feita uma melhor planificação dos jogos.

Ao preparar a observação, deve-se definir claramente, uma série de pormenores, essenciais à consecução da nossa tarefa. Por isso, torna-se importante o estabelecimento de regras e padrões sobre o que se vai observar, quais os critérios de observação, qual a medida de observação, os itens a observar, a observação propriamente dita e finalmente o tratamento dos resultados, pois de acordo com alguns autores, para observar e descrever o movimento humano é imprescindível focalizar a atenção em sequências particulares do movimento, atentando nos aspectos mais significativos da tarefa; relacionar o movimento com o resultado da observação. Segundo estes, é também importante identificar os elementos do movimento que são úteis na instrução do “feedback” de execução, procurando ajudar na avaliação do desenvolvimento de uma tarefa particular.

O processo de observação subdivide-se, segundo Higgins (1997) em três fases: pré-observação, durante a qual se dá a conhecer o protocolo escolhido, de acordo com o tipo de observação: directa ou diferida; observação (visualização), durante a qual se visiona o objecto pretendido; e pós-observação, durante a qual se indica o que se percebeu. Só assim, a observação de movimentos desportivos, no seu processo de aplicação, poderá, segundo Sarmiento (1995), assumir a eficácia desejada respeitando: a aplicação dos princípios básicos do movimento; a relação entre o valor visado e o efectivo; e a influência de cada posição ou momento particular na contribuição para o sucesso global da execução.

Quando não respeitados estes passos, e segundo Arend & Higgins (1976), os principais problemas da observação aparecem ao nível da definição dos movimentos a observar, das qualidades ou características do movimento, das condições experimentais dos observadores e das condições experimentais da apresentação do movimento.

O Scouting, modalidade particular da observação-análise, segundo Garganta (1998), consiste na detecção de características da equipa adversária ou da própria, tem evoluído ao longo dos tempos. De um carácter assistemático e subjectivo do passado, as observações passaram a ser sistemáticas, planeadas e auxiliadas pelo recurso ao computador (Fig.1). A recente profissionalização das práticas desportivas, os meios financeiros disponíveis e a utilização do desporto como aplicação de novas tecnologias, com especial contributo da informática, permitiu uma maior e mais rápida recolha e tratamento da informação, bem como um acesso mais rápido aos dados disponíveis.

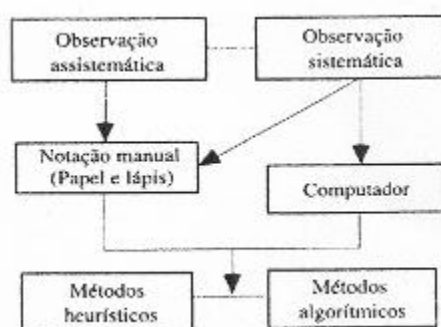


Fig. 1 – A interdependência dos meios e métodos de observação e análise do jogo (Garganta, 1998).

1.2. Organização/Construção de uma grelha de observação

Há várias formas de efectuar o registo daquilo que se está a observar. Anguera (1997) afirma que o ideal comum a todos os observadores é a utilização de métodos e técnicas rigorosamente objectivas, apesar das grandes barreiras de obstáculos que dificultam a observação imparcial. Assim, segundo Anguera (1997), foi Spencer o primeiro cientista social que catalogou e expôs de forma precisa estes inconvenientes, assinalando as complicações que se originam no procedimento de registo pelo facto de que muitos fenómenos humanos, ao contrário dos naturais, não serem directamente perceptíveis. Quando observamos o comportamento de alguém vemos que as suas acções ou se repetem muitas vezes (por unidade de tempo) ou raramente acontecem, ou seja, há comportamentos mais frequentes que outros. O comportamento pode prolongar-se no tempo e ter uma determinada duração.

Wragg (1999) afirma que os observadores têm algumas escolhas acerca do tipo de registo que pode ser feito e alguns podem optar por não efectuar nenhum. A maior parte, no entanto, tirará no mínimo notas, mas há muitas outras possibilidades. Poderão ser feitos registos escritos, através de cassetes de vídeo, cassetes de som ou transcrições.

De acordo com Postic (1977) é possível construir um sistema de observação quer pelo uso de categorias, quer de sinais. Os comportamentos fundamentais, que ocorrem mais frequentemente, deverão ser registados num sistema de categorias e os de frequência rara num sistema de sinais. Enquanto no sistema de categorias os diversos comportamentos são anotados e quantificados, determinando-se o número total de unidades de comportamento e a sua frequência relativa, num sistema por sinais prevê-se, antecipadamente, uma lista de incidentes, por vezes muito extensa, mas não esgota todas as possibilidades comportamentais. (Sarmiento, 1993).

Quanto à classificação dos métodos de registo de dados, Sarmiento (1993) refere a realizada por Siedentop (1983), que os subdivide em tradicionais e recomendados.

Os métodos tradicionais são o “eyeballing”, o “inventário” (check list) e as “escalas de apreciação”. O “eyeballing” consiste na observação por um determinado período de tempo, sem tomar notas, sem utilizar nenhum guião e sem recolher nenhuma

informação. O “inventário” é uma lista de informações ou características acerca das quais o observador faz um juízo, normalmente uma decisão de tipo sim-não ou uma outra escala de apreciação. As “escalas de apreciação” são, normalmente, mais preciosas e sofisticadas que os inventários porque envolvem uma maior quantidade de escolhas, embora ainda apresentem algumas inseguranças.

1.3. Observação Directa e Indirecta

Muitos são aqueles que dão bastante importância à observação, ao modo como é feita, bem como ao treino do observador. Assim, existem também várias opiniões e teorias em relação ao tipo de análise a cada movimento. Sarmiento (1995), afirma que a mais velha forma de estudar o movimento humano é a observação, porém o mesmo movimento pode ser observado das mais variadas formas. Surgem então duas formas de observação distintas: a observação directa e a observação indirecta.

	Vantagens	Desvantagens
Observação directa	<ul style="list-style-type: none"> - Contexto mais aproximado da realidade - Ajuda a definir critérios de observação - Possibilita um treino dinâmico e motivante para o observador 	<ul style="list-style-type: none"> - Podem existir desacordos entre observadores, no que respeita à direccionalidade da observação - Movimento é muito rápido - Movimento é sempre diferente
Observação indirecta	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentado após recolha - Proporciona trabalho laboratorial de preparação instrumental, permitindo o recurso a sistemas computadorizados, proporcionado um treino mais eficaz e económico - Processo mais rigoroso - Resultados facilmente encontrados, pois os erros são mais rapidamente detectados e corrigidos - Permite a manipulação de variáveis indispensáveis - Maior abrangência a todos os níveis - Permite comparações entre observadores e correcção de possíveis discordâncias - É uma prática repetida e sistematicamente orientada numa determinada direcção 	<ul style="list-style-type: none"> - Não dispensa a observação directa - Trabalho monótono e repetitivo, com várias repetições do mesmo movimento, do mesmo jogador, da mesma jogada

Quadro 1. Vantagens e desvantagens da observação directa e indirecta.

2. Caracterização do hóquei em patins

O Hóquei em Patins, pode ser caracterizado como sendo um desporto colectivo em que se enfrentam duas equipas de 5 jogadores cada, providos de patins de rodas e um stick, com uma bola e duas balizas, numa pista rectangular de superfície plana e lisa. Cada equipa ocupa uma metade da pista e o seu objectivo é introduzir a bola na baliza da equipa adversária. Ganha a equipa que mais golos conseguir, podendo existir situações de empate, que em determinadas situações se resolvem regularmente. As partidas jogam-se em variadas condições atmosféricas, (hoje, principalmente, em pistas cobertas) e um ou dois árbitros encarregam-se de fazer cumprir as regras de jogo, com a ajuda de um cronometrista/anotador.

O Hóquei em Patins, pela natureza e diversidade dos factores que concorrem no seu rendimento, apresenta, segundo Gayo (1999), uma estrutura multifactorial de grande complexidade. Esta modalidade desportiva apresenta, por um lado, uma estrutura formal (recinto de jogo, bola, regulamento, adversários) e, por outro, uma estrutura funcional em que se desenrolam acções, resultantes das interacções entre os elementos da equipa em torno da bola, procurando superar a oposição dos adversários.

Como Jogo Desportivo Colectivo (JDC), o Hóquei em Patins possui, segundo Manaças (1988), as principais características comuns a todos os outros: existência de um objecto de jogo (bola); estandardização dos materiais de jogo e das dimensões do recinto; regras de jogo unitárias e obrigatórias; limitação da duração temporal; presença obrigatória da arbitragem; disputa complexa, individual e colectiva; carácter organizado das competições; organização nacional e internacional da actividade; existência de teorias e práticas desportivas e suas metodologias; e de um espectáculo desportivo.

Gayo (1999), por seu lado, vem dar ênfase à estrutura interna de um sistema de jogo, e afirma, que o sistema de jogo consiste nos padrões básicos de organização e funcionamento de uma equipa, de onde se determina, por um lado, a atitude/concepção ofensiva e/ou defensiva frente ao adversário e por outro, se disciplinam tanto as posições fundamentais e raios de acção dos jogadores como as funções destes, em termos individuais, grupais e colectivos. Segundo este autor, e de

acordo com esta definição, todo o sistema de jogo se vai estruturar internamente em torno de três componentes (Componente Conceptual, Formal e Funcional), e em cada uma delas se definirão aspectos particulares intrínsecos a cada um dos objectivos básicos dos JDC: A relação equipa-adversário, equipa-espço, equipa-bola e dos jogadores entre si.

Partindo da definição e estrutura dos sistemas de jogo aqui apresentadas, pode-se determinar uma organização do jogo de Hóquei em Patins do ponto de vista táctico-estratégico, onde aparecerão, perfeitamente enquadrados e localizados todos os elementos que devem configurar um sistema de jogo no Hóquei em Patins. Assim, o sistema de jogo que uma equipa adopte ao longo de uma competição, deve definir, quanto à componente conceptual, a táctica que vai adoptar frente ao adversário durante a partida, assim como deverá determinar também o tipo de estruturação colectiva. Uma vez determinados os aspectos da componente conceptual, a equipa terá que definir os vários aspectos que configuram as componentes, formal e funcional.

3. Observação no hóquei em patins

Segundo Gayo (1999), um dos factores que mais vem contribuindo para o desenvolvimento desportivo ao nível mundial é, sem dúvida, a aplicação da ciência aos problemas desportivos, ou seja, a utilização de uma tecnologia cada vez mais perfeccionista e apoiada em dados científicos, que nos permite estabelecer um código de leitura e análise da realidade desportiva. Neste contexto, aparece a observação, registo e interpretação do jogo, que Garganta (1998), tem vindo a denominar de Análise de Jogo, visto que é a partir da observação do jogo que se aprende o que se deve treinar para melhor jogar e orientar o processo de treino para a meta desejada.

Segundo Teodorescu (1984), a análise e interpretação do conteúdo do jogo e da funcionalidade da equipa pela modelação, ou seja, a aproximação das condições do treino ao jogo, asseguram a possibilidade de utilização de uma metodologia científica na programação do treino, na selecção de jogadores e das equipas.

Ferrão (2003), refere que o Hóquei em Patins poderá ser analisado sob os pontos de vista técnico, táctico e físico: técnico: ao analisar o desempenho de um ou mais

jogadores, procurando-se determinar o nível das suas acções, a execução dos fundamentos e a eficácia dessa execução, quantificando a acção através de uma determinada mensuração; tático, quando se analisam as situações desenvolvidas por pequenos grupos ou por toda a equipa, a partir de padrões predefinidos (aspectos táticos) tanto na defesa como no ataque; físico, quando se analisam os níveis de desempenho de cada uma das qualidades físicas no desenrolar do jogo.

No que ao Hóquei em Patins diz respeito, os estudos de observação e análise de jogo ainda continuam a ser escassos, embora na última década tenha havido uma pequena evolução, com os estudos realizados por Almeida (1996), Carvalho (1997), Mendo e Argilaga (2000), Ferreira (2003) e Duque (2004).

Almeida (1996), no seu estudo, analisa o processo ofensivo da Selecção Nacional de Hóquei em Patins no Campeonato do Mundo de 1995, procurando descrever, comparar e caracterizar as jogadas de perigo efectivo. Procurou também verificar eventuais diferentes entre o Hóquei em Patins praticado pelas várias selecções, procurando identificar particularidades funcionais dessas equipas. Para cumprir estes objectivos, analisou 8 jogos, nos quais participaram as selecções da Alemanha, Andorra, Angola, Argentina, Brasil, Holanda e Portugal. Destes jogos, surgiram 208 acções ofensivas de perigo efectivo, das quais resultaram 80 golos. As principais conclusões foram: a bola é recuperada com maior frequência na zona central; a zona defensiva tem a maior percentagem de recuperações da posse de bola, seguindo-se a ofensiva e finalmente a zona central; para a maioria das Selecções a principal causa de recuperação da posse de bola são os remates atacantes, enquanto que para Portugal a principal causa são os desarmes e para a Argentina é a falta atacante; Portugal e Argentina utilizam com maior frequência o ataque planeado, o que contrasta com as restantes Selecções, que utilizam preferencialmente o contra-ataque; e que o interior da área de penalidade é a zona de finalização preferencialmente utilizada.

Carvalho (1997), por seu lado, estudou o processo defensivo da equipa de Hóquei em Patins do Futebol Clube do Porto e dos seus adversários directos, em quatro jogos do Campeonato Europeu de Clubes. Analisou por parte do Futebol Clube do Porto um total de 384 acções de jogo e 374 por parte dos seus adversários (Barcelona, Igualada, Liceo da Corunha e Novara), e as principais conclusões foram: a bola foi

recuperada com maior frequência no centro do terreno, na zona defensiva; o remate adversário foi a principal causa de recuperação da posse de bola; e a defesa individual foi o método defensivo utilizado por todas as equipas em todos os jogos.

Mendo e Argilaga (2000), realizaram um estudo que visou sobretudo, um sistema de observação e os resultados mediante o seu uso, relativamente a padrões de conduta do jogador de Hóquei em Patins. Foram analisados diversos encontros de Hóquei em Patins de nível internacional, e de segundo plano, com o objectivo de configurar e definir as distintas categorias que permitem analisar as acções de jogo. O sistema desenvolvido consta de 38 categorias, que se agrupam em torno de 4 categorias: Zona de Remate, Acções técnico-táticas, acções do guarda-redes e incidências. Deste estudo resultaram as seguintes conclusões: o sistema de categorias baseado nos grupos de 4 categorias apresentados demonstrou ser válido; as acções técnico-táticas, são as que implicam padrões de jogo mais extensos.

Ferreira (2003) analisou a posse de bola no escalão Seniores Masculinos, assim como algumas variáveis inerentes, verificando as diferenças entre a equipa vencedora e vencida. Foram observadas 805 acções de jogo, em 4 jogos de equipas que participaram no Campeonato Nacional da 1.^a Divisão nas épocas 2000/2001, 2001/2002 e 2002/2003. As equipas observadas foram o Sport Lisboa e Benfica, o Futebol Clube do Porto, o Óquei Clube de Barcelos e o Clube Desportivo Paço D'Arcos e a União Desportiva Oliveirense). As principais conclusões foram: um jogo de Hóquei em Patins tem, em média, cerca de 201 posses de bola, o que dá cerca de 100 posses de bola para cada equipa. Dessas, 48% terminam em remate e 3% em golo, sendo necessário 18 remates para marcar um golo; as probabilidades de marcar golo aumentam nas áreas centrais e perto da baliza, aumentando essa dificuldade quando os remates dessas áreas são executados após recepção; a zona de maior preponderância no jogo é a zona central da área, ofensiva e defensiva; as zonas centrais da área, ofensiva e defensiva, são as principais zonas de perda, recuperação de bolas e concretização, pelo que as acções defensivas deverão ser realizadas com o objectivo de evitar remates das zonas centrais e mais próximas das balizas; e que as recuperações da posse de bola têm origem maioritariamente, após remate não concretizado.

Duque (2004), também através das posses de bola, procurou através de um estudo exploratório, observar e analisar variáveis determinantes para o desenrolar do jogo e para o resultado final, assim como por exemplo, a perda da posse de bola, recuperação da posse de bola, remate, fases do jogo, para além das respectivas áreas.

Na realização deste estudo foram observados 4 jogos de Hóquei em Patins, relativos ao Campeonato Europeu de Juvenis, com um total de 520 acções de jogo. Da amostra fazem parte 5 selecções, Portugal, Espanha, Itália, França e Suíça. As principais conclusões foram: o jogo de Hóquei em Patins, no escalão de Juvenis desenrola-se a um ritmo elevado, com uma média de 130 posses de bola por jogo, das quais 61% são jogadas em ataque organizado; destas 130 posses de bola, a maioria é originada por faltas ou por ressaltos defensivos; a maior percentagem de recuperação da posse de bola surge após remate e após erro do adversário, sobretudo na zona intermédia e defensiva. É na fase de contra-ataque que as equipas executam maior número de remates e onde a eficácia é mais elevada. Os remates surgem maioritariamente na zona central, próxima da baliza, onde a taxa de concretização revelou ser maior; o ataque rápido e o ataque organizado são as fases com maior percentagem de perda da posse de bola.

CAPITULO III: METODOLOGIA

1. Amostra

A amostra é constituída por 4 selecções, Portugal, Espanha, Itália e Suíça, pertencentes ao escalão de Juniores, que disputaram o Campeonato Europeu de Juniores. Recolheram-se dados de 4 jogos completos, com um total de 609 acções de jogo. Além destes, foram consultados os dados recolhidos por Duque (2004), referentes ao Campeonato Europeu de Juvenis.

Tabela 1. Número de posses de bola por jogo, separadamente para juvenis e juniores.

Jogos		Tempo jogo	N.º de acções observadas	
			1.ª Parte	2.ª Parte
			N = 262	N = 258
Juvenis	Portugal / Suíça	15'+15'	57	70
	Portugal / França		55	73
	Itália / Espanha		96	61
	Portugal / Espanha		54	54
			N = 313	N = 296
Juniores	Portugal / Suíça	20'+20'	84	82
	Portugal / Itália		78	67
	Itália / Espanha		71	69
	Portugal / Espanha		80	78

2. Procedimentos gerais

A etapa inicial etapa a execução este trabalho, consistiu na recolha bibliográfica e correspondente análise, para a observação dos jogos, que foi feita com base na ficha de observação e campograma desenvolvidos por Ferreira (2003).

Todas as acções foram observadas diversas vezes até serem retirados todos os dados necessários para o estudo. Para a contagem do tempo de posse de bola, foi utilizado um instrumento auxiliar, um cronómetro digital (accionado manualmente).

Depois de ter sido feita a recolha de todos os dados referentes a todos os jogos, foi feito o respectivo tratamento estatístico, através da estatística descritiva, na qual foram observados os valores absolutos e relativos das variáveis estudadas.

3. Categorias de observação

As categorias de observação foram as definidas para o estudo de Duque (2004).

3.1. Origem da posse de bola:

É a acção individual ou colectiva que leva à aquisição da posse de bola por parte de uma equipa, como tal as categorias que estão na origem da posse de bola são: início de jogo (IJ); desarme (DS); falta (F); passe interceptado (PI); ressalto ofensivo (RSO); ressalto defensivo (RSD); recuperação defensiva (RD), recuperação ofensiva (RO) e golpe duplo (GD).

3.2. Fim da posse de bola:

É o período de jogo em que uma das equipas perde o seu controlo sobre a movimentação de bola, excepto no caso de continuar na posse da mesma. As categorias são, o remate (R), desarme (DS), falta (F), golo (G), recepção falhada (RF), passe falhado (PF) e final de jogo (FJ).

3.3. Zonas e Áreas de início e fim da posse de bola.

Através destas zonas e áreas representadas no campograma, registamos as zonas do campo em que decorrem as acções de jogo. As zonas são: zona defensiva (ZD), zona intermédia (ZI) e zona de ataque (ZA).

Além destas zonas, foram também definidas áreas, e como tal, área atrás da baliza (A), área intermédia (E), área central (B2), área de baliza (B1), área lateral direita (D) e a área lateral esquerda (C).

3.4. Fases de jogo.

Através das fases de jogo, podemos discriminar se o fim de posse de bola decorreu após um contra-ataque, um ataque rápido ou um ataque organizado, enquadrando as

seguintes variáveis: contra-ataque (CA), ataque rápido (AR) e ataque organizado (AO).

3.5 Sistema defensivo.

Esta dimensão discriminará contra que tipo de oposição defensiva é que uma equipa se depara depois de recuperar a posse de bola, traduzindo-se em: defesa individual (HxH) e pressão (P).

CAPITULO IV:

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados que foram obtidos através da observação dos jogos referentes ao presente estudo. Após a realização do tratamento estatístico, foram encontrados os seguintes resultados:

1. Análise global do jogo

Tabela 2. Distribuição absoluta e relativa das posses de bola nas diferentes fases de jogo, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniore	
	n	%	n	%
Posse de bola em contra-ataque	131	25%	54	9%
Posse de bola em ataque rápido	71	14%	111	18%
Posse de bola em ataque organizado	318	61%	444	73%
	520	100%	609	100%

Através da observação da Tabela 2 verificamos que das 520 posses de bola, no escalão de Juvenis, mais de metade (61%) foram em ataque organizado, seguindo-se a posse de bola em contra-ataque (25%) e por último a posse de bola em ataque rápido (14%). No escalão de Juniores, das 609 posses de bola, a grande maioria (73%), foram também em ataque organizado, porém a posse de bola em ataque rápido (18%), é superior à posse de bola em contra-ataque (9%).

Tabela 3. Distribuição absoluta e relativa das zonas e áreas de início das posses de bola, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniores	
	n	%	n	%
A defensiva	74	14%	67	11%
B1 defensiva	54	10%	101	17%
B2 defensiva	48	7%	39	6%
C defensiva	54	10%	69	11%
D defensiva	52	10%	74	12%
E defensiva	-	-	-	-
E intermédia	83	16%	122	20%
E ofensiva	-	-	-	-
A ofensiva	52	10%	22	4%
B1 ofensiva	20	4%	19	3%
B2 ofensiva	14	3%	16	3%
C ofensiva	34	7%	41	7%
D ofensiva	35	7%	39	6%
	520	100%	609	100%

Da análise da Tabela 3 e da apresentação dos campogramas 1 e 2, podemos verificar que no escalão de Juvenis, a principal zona de início da posse de bola é a zona E (16%), o que também se verifica nos Juniores, embora numa percentagem superior (20%). Pela análise da tabela também verificamos que em ambos os escalões a zona defensiva é aquela em que mais vezes são iniciadas as posses de bola. Também relativamente às áreas de início de posse de bola, destaca-se a área B2 ofensiva, seguida da B1 ofensiva como sendo aquelas que apresentam valores mais reduzidos, para ambos os escalões.

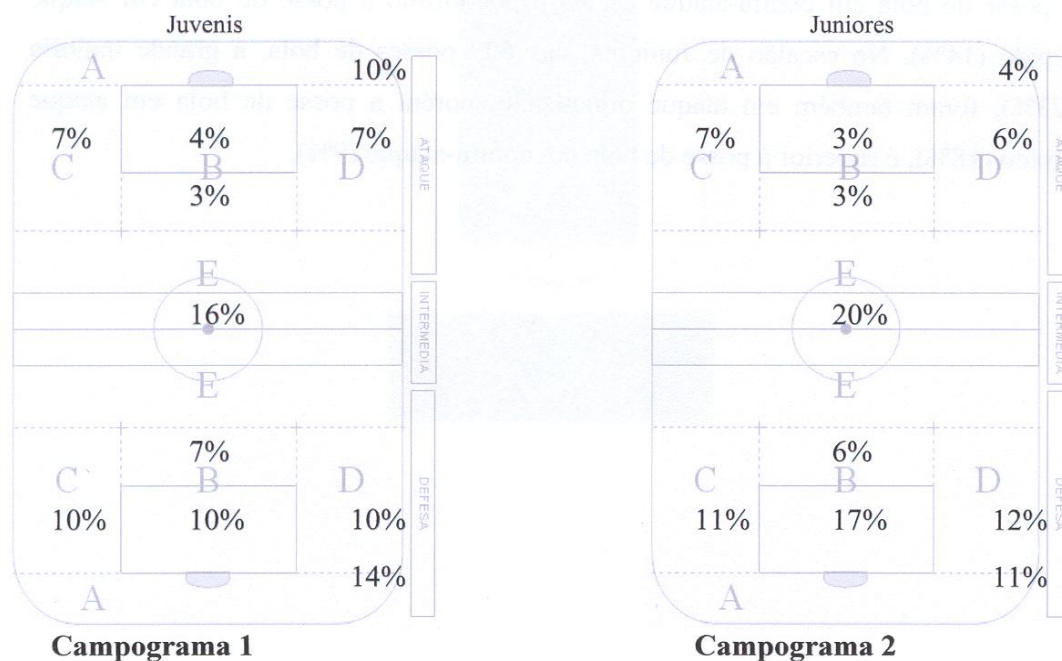


Tabela 4. Distribuição absoluta e relativa da acção na origem do início das posses de bola, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniões	
	n	%	n	%
Início Jogo (IJ)	23	4%	30	5%
Desarme (DS)	58	11%	75	12%
Falta (F)	162	31%	207	34%
Passe Interceptado (PI)	28	5%	51	8%
Ressalto Ofensivo (RSO)	53	10%	21	3%
Ressalto Defensivo (RSD)	97	19%	65	11%
Recuperação Defensiva (RD)	81	16%	132	22%
Recuperação Ofensiva (RO)	14	3%	26	4%
Golpe Duplo (GD)	4	1%	2	1%
	520	100%	609	100%

A Tabela 4 indica que em ambos os escalões, a falta, com 31% e 34% respectivamente nos Juvenis e Juniores, é a principal causa que está na origem da posse de bola. Seguidamente aparece o ressalto defensivo (19%) para os Juvenis e a recuperação defensiva (22%) para os Juniores.

Tabela 5. Distribuição absoluta e relativa das diferentes fases de jogo, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniões	
	n	%	n	%
Contra-Ataque	131	25%	54	9%
Ataque Rápido	71	14%	111	18%
Ataque Organizado	318	61%	444	73%
	520	100%	609	100

Tanto nos Juvenis como nos Juniores, a fase de ataque organizado é a mais frequente, respectivamente, 61% e 73% do total de posses de bola observadas. É no escalão mais jovem, Juvenis, que se encontra maior peso relativo da fase de contra-ataque, sugerindo que o jogo nas etapas de formação desportiva mais avançadas é mais controlado e lento.

Tabela 6. Distribuição absoluta e relativa das categorias de início da posse de bola na fase de jogo de contra-ataque, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniores	
	n	%	n	%
Início Jogo (IJ)	0	0%	0	0%
Desarme (DS)	30	23%	19	35%
Falta (F)	1	1%	0	0%
Passe Interceptado (PI)	21	16%	13	25%
Ressalto Ofensivo (RSO)	4	3%	0	0%
Ressalto Defensivo (RSD)	33	25%	11	20%
Recuperação Defensiva (RD)	41	31%	11	20%
Recuperação Ofensiva (RO)	1	1%	0	0%
Golpe Duplo (GD)	0	0%	0	0%
	131	100%	54	100%

Pela observação da Tabela 6, podemos ver que a origem da posse de bola que mais vez provocou contra-ataque foi a recuperação defensiva para os Juvenis (31%), enquanto que para os Juniores aparece o desarme (35%). Seguidamente aparece o ressalto defensivo (25%) para os Juvenis, enquanto que nos Juniores se verifica que provém principalmente dos passes interceptados.

Tabela 7. Distribuição absoluta e relativa das categorias de início da posse de bola na fase de jogo de ataque rápido, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniores	
	n	%	n	%
Início Jogo (IJ)	1	1%	0	0%
Desarme (DS)	5	8%	19	17%
Falta (F)	22	31%	12	11%
Passe Interceptado (PI)	1	1%	19	17%
Ressalto Ofensivo (RSO)	7	10%	8	7%
Ressalto Defensivo (RSD)	19	27%	11	10%
Recuperação Defensiva (RD)	14	20%	32	29%
Recuperação Ofensiva (RO)	1	1%	10	9%
Golpe Duplo (GD)	1	1%	0	0%
	71	100%	111	100%

Pela observação da Tabela 7, podemos ver que a origem da posse de bola que mais vez provocou ataque rápido foi a falta para os Juvenis (31%), enquanto que para os Juniores se deve à recuperação defensiva (29%). Seguidamente aparece o ressalto

defensivo (25%) para os Juvenis, enquanto que nos Juniores se verifica que provém principalmente dos passes interceptados (17%).

Tabela 8. Distribuição absoluta e relativa das categorias de início da posse de bola na fase de jogo de ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniores	
	n	%	n	%
Início Jogo (IJ)	24	7%	30	7%
Desarme (DS)	18	5%	37	8%
Falta (F)	139	44%	195	44%
Passo Interceptado (PI)	6	2%	19	4%
Ressalto Ofensivo (RSO)	40	13%	14	3%
Ressalto Defensivo (RSD)	46	14%	43	10%
Recuperação Defensiva (RD)	31	10%	89	20%
Recuperação Ofensiva (RO)	11	4%	15	3%
Golpe Duplo (GD)	3	1%	2	1%
	318	100%	444	100%

Numa análise à Tabela 8, verificamos que a origem da posse de bola que mais vezes originou ataque organizado foi, tanto para os Juniores como para os Juvenis, o passe interceptado (44%), seguindo-se para os Juvenis, a recuperação defensiva (14%) e para os Juniores, a recuperação ofensiva (20%).

Gráfico 1. Comparação relativa das categorias de início da posse de bola, nas três fases de jogo, separadamente para juvenis e juniores.

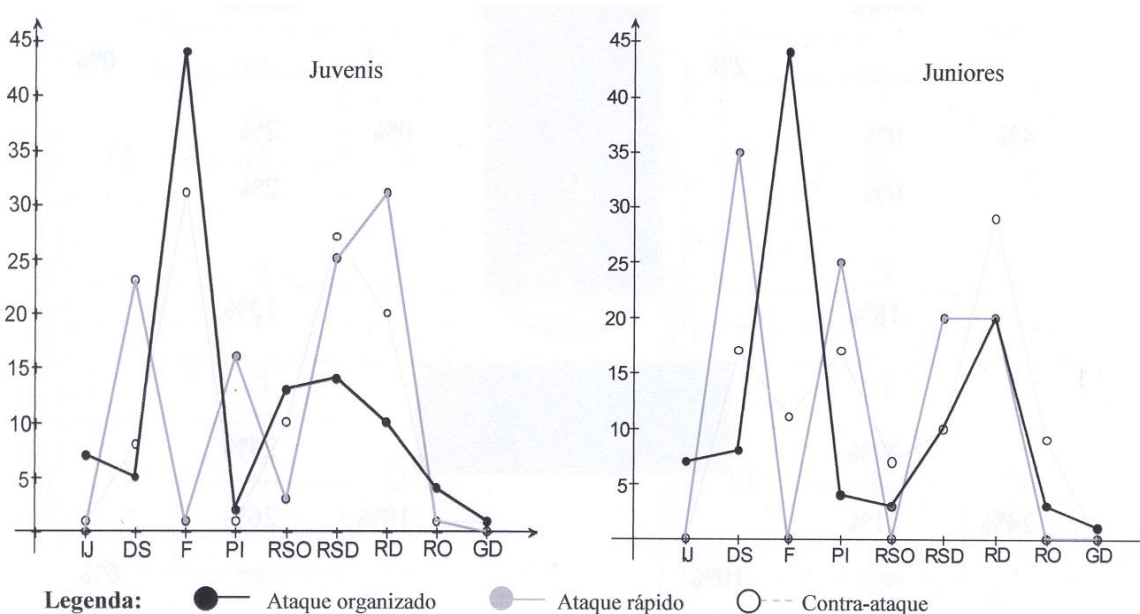


Tabela 9. Distribuição absoluta e relativa das áreas de início da posse de bola em contra-ataque, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniore	
	n	%	n	%
A defensiva	13	10%	3	6%
B1 defensiva	27	21%	14	26%
B2 defensiva	29	22%	13	24%
C e D defensiva	33	24%	10	18%
E defensiva	-	-	-	-
E intermédia	23	18%	12	22%
E ofensiva	-	-	-	-
A ofensiva	2	2%	0	0%
B1 ofensiva	0	0%	1	2%
B2 ofensiva	0	0%	1	2%
C e D ofensiva	4	3%	0	0%
	131	100%	54	100%

A Tabela 9 e os campogramas 3 e 4 apresentam, relativamente ao contra-ataque, que dos 131 contra-ataques ocorridos no escalão de Juvenis, estes se iniciaram preferencialmente nas zonas C e D defensiva (24%), seguindo-se a zona B2 defensiva (22%) e a B1 defensiva (21%). Nos Juniores, dos 54 contra-ataques, a zona preferencial de início é a B1 defensiva (26%), seguindo-se a B2 defensiva (24%).

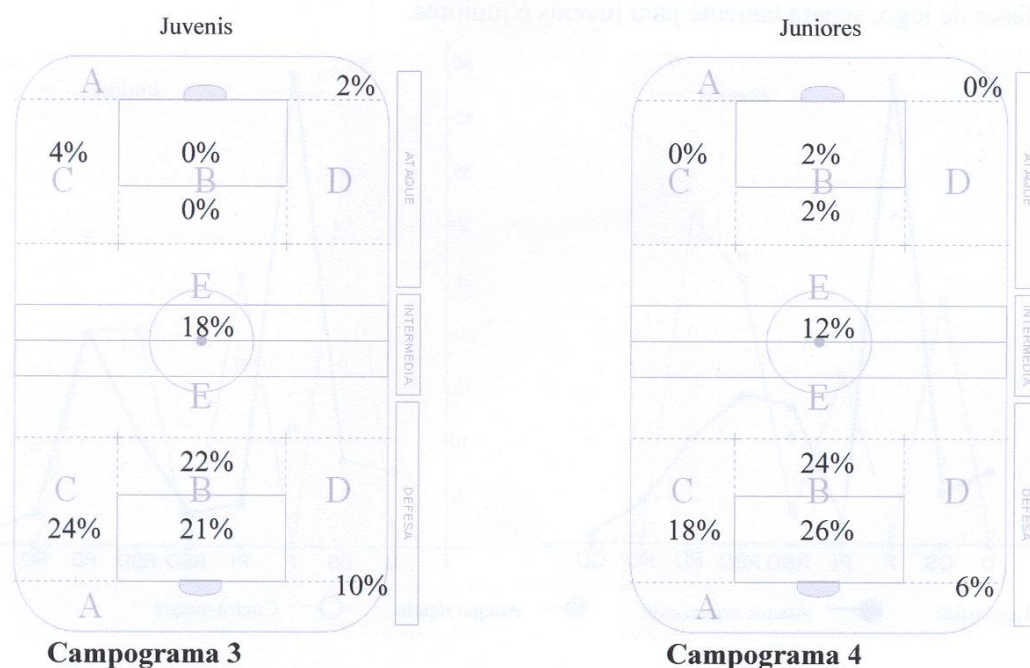


Tabela 10. Distribuição absoluta e relativa das áreas de início da posse de bola em ataque rápido, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniores	
	n	%	n	%
A defensiva	23	32%	13	12%
B1 defensiva	12	17%	23	21%
B2 defensiva	4	6%	12	11%
C e D defensiva	18	25%	25	21%
E defensiva	-	-	-	-
E intermédia	12	17%	15	14%
E ofensiva	-	-	-	-
A ofensiva	0	0%	4	4%
B1 ofensiva	0	0%	12	11%
B2 ofensiva	0	0%	5	4%
C e D ofensiva	2	3%	2	2%
	71	100%	111	100%

Através da análise da Tabela 10 e dos campogramas 5 e 6, constatamos que dos 71 ataques rápidos registados, no escalão Juvenis, estes se iniciam principalmente na zona A defensiva (32%), seguindo-se as zonas C e D defensiva (25%). No escalão Juniores, aparecem as zonas B1, C e D defensivas, como as principais zonas de início do ataque rápido, respectivamente com 32% e 25%.

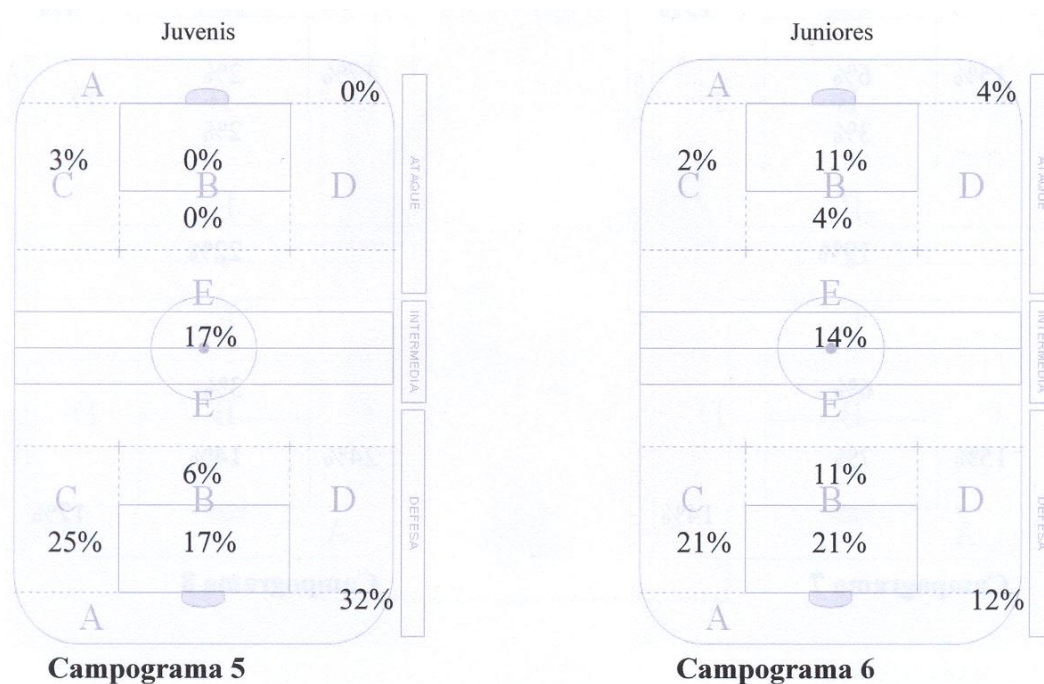


Tabela 11. Distribuição absoluta e relativa das áreas de início da posse de em ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniore	
	n	%	n	%
A defensiva	43	14%	52	12%
B1 defensiva	23	7%	64	14%
B2 defensiva	19	6%	12	3%
C e D defensiva	48	15%	109	24%
E defensiva	-	-	-	-
E intermédia	62	19%	96	22%
E ofensiva	-	-	-	-
A ofensiva	47	15%	19	4%
B1 ofensiva	19	6%	7	2%
B2 ofensiva	8	3%	10	2%
C e D ofensiva	49	15%	75	17%
	318	100%	444	100%

Na fase de jogo mais predominante para ambos os escalões, a Tabela 11 e os campogramas 7 e 8 mostram-nos que dos 318 ataques organizados registados no escalão Juvenis, 19% se iniciaram na zona E, seguindo-se a zona A defensiva 14%. Para os 444 ataques do escalão de Juniores, 24% destes têm origem nas zonas C e D defensivas, seguindo-se a zona E (22%).

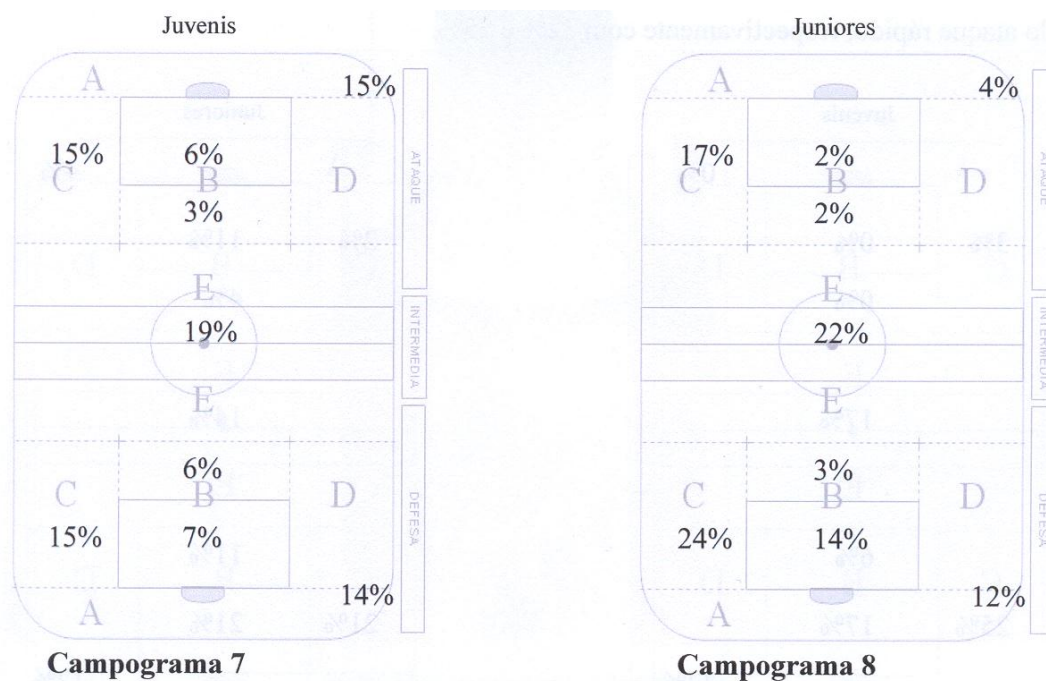


Tabela 12. Distribuição absoluta e relativa do número de acções de fim de posse de bola, em contra-ataque, separadamente para juvenis e juniores.

Fim da PB	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Juvenis		Juniores	
			n	%	n	%
Remate	Tentado		53	40%	20	37%
	Concretizado		9	7%	2	4%
Perda da Bola	Desarme		22	17%	7	13%
	Passe	Passe Falhado	13	10%	4	7%
		Passe Interceptado	10	8%	7	13%
		Recepção Falhada	0	0%	2	4%
Falta			23	17%	10	18%
Outro			1	1%	2	4%
			131	100%	54	100%

Pela observação da Tabela 12, podemos constatar que, no contra-ataque, tanto no escalão de Juvenis, como no de Juniores, o fim da posse de bola se deveu principalmente aos remates tentados, respectivamente com 40% e 37%. Seguidamente, aparecem a falta e o desarme, ambos com 17%, como principais causas de fim da posse de bola nos Juvenis, o que vem de encontro ao que acontece no escalão mais velho, embora com percentagens de 18% e 13% respectivamente.

Tabela 13. Distribuição absoluta e relativa do número de acções de fim de posse de bola, em ataque rápido, separadamente para juvenis e juniores.

Fim da PB	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Juvenis		Juniores	
			n	%	n	%
Remate	Tentado		21	30%	29	26%
	Concretizado		4	6%	7	6%
Perda da Bola	Desarme		11	15%	34	31%
	Passe	Passe Falhado	10	14%	11	10%
		Passe Interceptado	4	6%	13	12%
		Recepção Falhada	0	0%	1	1%
Falta			20	28%	16	14%
Outro			1	1%	0	0%
			71	100%	111	100%

Através da análise da Tabela 13, constatamos que dos 71 ataques rápidos registados, no escalão Juvenis, estes terminam preferencialmente após remate tentado (30%),

seguindo-se a falta, 28%, como principal causa para o fim da posse de bola em ataque rápido. No escalão Juniores, dos 111 ataques rápidos, n=34 (31%) terminaram devido a desarme, seguindo-se o remate tentado (26%), como principal causa de fim da posse de bola.

Tabela 14. Distribuição absoluta e relativa do número de acções de fim de posse de bola, em ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.

Fim da PB	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Juvenis		Juniores	
			n	%	n	%
Remate	Tentado		90	28%	125	28%
	Concretizado		5	2%	12	3%
Perda da Bola	Desarme		65	20%	56	13%
	Passe	Passe Falhado	29	9%	35	8%
		Passe Interceptado	35	11%	34	8%
		Recepção Falhada	1	1%	19	4%
Falta			90	28%	156	35%
Outro			3	1%	7	1%
			318	100%	444	100%

Na análise da Tabela 13, constatamos que dos 318 ataques organizados registados, no escalão Juvenis, estes terminam preferencialmente em remate tentado e falta, ambos com 28%, seguindo-se o desarme com 20%. No escalão Juniores, dos 444 ataques rápidos, n=156 (35%) terminaram com falta, seguindo-se o remate tentado (28%), como principal causa de fim da posse de bola.

Tabela 15. Distribuição absoluta e relativa das áreas de fim de posse de bola, em contra-ataque, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniore	
	n	%	n	%
A defensiva	0	0%	0	0%
B1 defensiva	0	0%	1	2%
B2 defensiva	1	1%	1	2%
C e D defensiva	1	1%	0	0%
E defensiva	-	-	-	-
E intermédia	24	18%	4	8%
E ofensiva	-	-	-	-
A ofensiva	11	8%	4	7%
B1 ofensiva	42	32%	29	54%
B2 ofensiva	31	24%	9	16%
C e D ofensiva	21	16%	6	11%
	131	100%	54	100%

Através da análise da Tabela 15 e dos campogramas 9 e 10, constatamos que dos 54 contra-ataques, no escalão de Juvenis, 32% terminaram na zona B1 ofensiva, não se verificando qualquer perda de bola nas áreas A e B1 defensiva. Da totalidade dos contra-ataques iniciados, houve 24% que terminaram na zona B2 ofensiva. Relativamente aos Juniores, no que se refere ao contra-ataque, verificamos que a zona preferencial de fim da posse de bola é igualmente a B1 ofensiva (54%), seguindo-se também a zona B2 ofensiva.

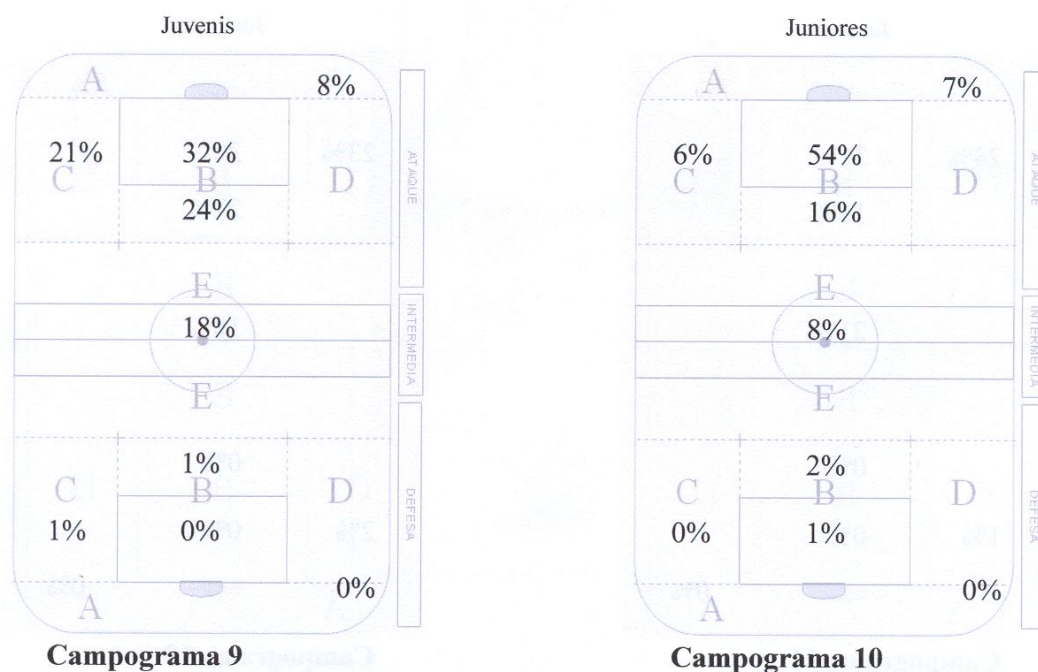


Tabela 16. Distribuição absoluta e relativa das áreas de fim de posse de bola, em ataque rápido, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniores	
	n	%	n	%
A defensiva	0	0%	0	0%
B1 defensiva	0	0%	0	0%
B2 defensiva	0	0%	0	0%
C e D defensiva	1	1%	2	2%
E defensiva	-	-	-	-
E intermédia	15	21%	19	18%
E ofensiva	-	-	-	-
A ofensiva	5	7%	5	5%
B1 ofensiva	22	31%	34	30%
B2 ofensiva	11	16%	25	22%
C e D ofensiva	17	24%	26	23%
	71	100%	111	100%

Através da análise da Tabela 15 e da apresentação dos campogramas 11 e 12, constatamos que em 71 contra-ataques, no escalão de Juvenis, 31% terminaram na zona B1 ofensiva, o que se verificou também para o contra-ataque, não se verificando qualquer perda de bola nas áreas A, B1 e B2 defensiva. No que diz respeito aos Juniores, no contra-ataque, verificamos que a zona preferencial de fim da posse de bola é também a B1 ofensiva (54%), o que também se verificou para o contra-ataque, seguindo-se a zona C e D ofensiva.

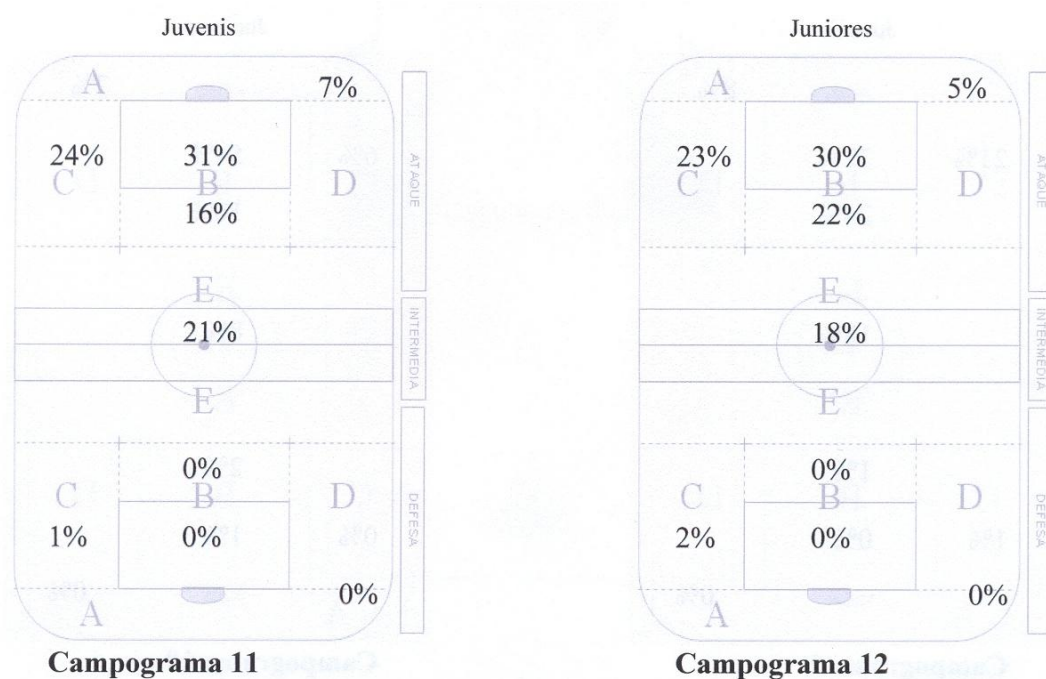


Tabela 17. Distribuição absoluta e relativa das áreas de fim de posse de bola, em ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.

	Juvenis		Juniore	
	n	%	n	%
A defensiva	2	1%	9	2%
B1 defensiva	0	0	4	1%
B2 defensiva	0	0	0	0%
C e D defensiva	4	1%	13	3%
E defensiva	-	-	-	-
E intermédia	65	20%	105	24%
E ofensiva	-	-	-	-
A ofensiva	48	15%	49	11%
B1 ofensiva	63	20%	84	19%
B2 ofensiva	45	14%	60	13%
C e D ofensiva	91	29%	120	27%
	318	100%	444	100%

Na fase de jogo mais predominante para ambos os escalões, a Tabela 17, bem como os campogramas 13 e 14 mostram que dos 318 ataques organizados registados no escalão Juvenis, 29% terminaram na zona C e D defensiva, seguindo-se a zona E e a zona B1 ofensiva (20%). Para os 444 ataques do escalão de Juniores, 27% destes terminam nas zonas C e D defensiva, seguindo-se também a zona E (24%).

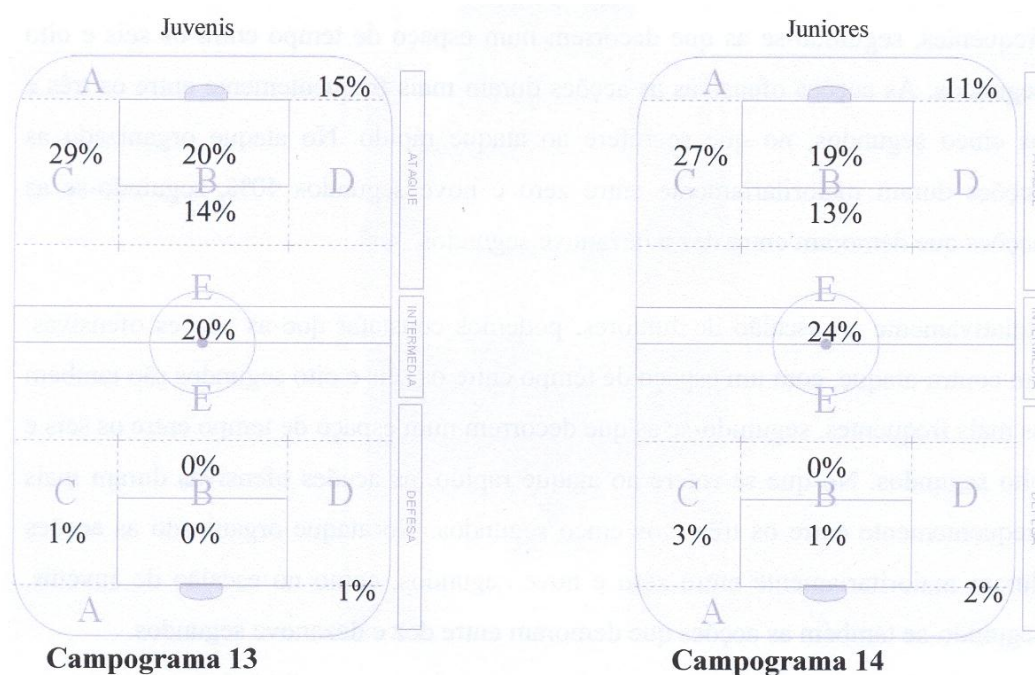


Tabela 18. Distribuição absoluta e relativa do tempo de posse de bola em cada fase do jogo, separadamente para juvenis e juniores.

	Tempo	Juvenis		Juniores	
		n	%	n	%
Contra-Ataque	0 a 2''	19	14	5	9%
	3 a 5''	56	43%	19	35%
	6 a 8''	48	37%	23	43%
	9 a 10''	3	2%	6	11%
	≥11''	5	4%	1	2%
		131		54	
Ataque Rápido	0 a 2''	3	4%	17	15%
	3 a 5''	24	34%	42	38%
	6 a 8''	22	31%	35	32%
	9 a 10''	10	14%	10	9%
	≥11''	12	17%	7	6%
		71		111	
Ataque Organizado	0 a 9''	129	40%	141	32%
	10 a 19''	99	31%	134	30%
	20 a 29''	53	17%	78	17%
	30 a 59''	32	10%	83	19%
	≥60''	6	2%	8	2%
		318		444	

Da análise da tabela 18, podemos constatar que nos Juvenis, as acções ofensivas, em contra-ataque, com um espaço de tempo entre os três e os cinco segundos são as mais frequentes, seguindo-se as que decorrem num espaço de tempo entre os seis e oito segundos. As acções ofensivas as acções duram mais frequentemente entre os três e os cinco segundos, no que se refere ao ataque rápido. No ataque organizado as acções duram maioritariamente entre zero e nove segundos 40%, seguindo-se as acções que demoram entre dez e dezanove segundos.

Relativamente ao escalão de Juniores, podemos constatar que as acções ofensivas, em contra-ataque, com um espaço de tempo entre os seis e oito segundos são também as mais frequentes, seguindo-se as que decorrem num espaço de tempo entre os seis e oito segundos. No que se refere ao ataque rápido, as acções ofensivas duram mais frequentemente entre os três e os cinco segundos. No ataque organizado as acções duram maioritariamente entre zero e nove segundos, como no escalão de Juvenis, seguindo-se também as acções que demoram entre dez e dezanove segundos.

Tabela 19. Distribuição absoluta e relativa por sistema defensivo, de onde se remata, com que eficácia e com que tempo de duração da posse de bola na situação de ataque organizado, separadamente para juvenis e juniores.

Sistema Defensivo	Zona	Área	Juvenis				Juniões			
			Remate		Eficácia	Tempo	Remate		Eficácia	Tempo
			Tentado	Convertido	%	Seg.	Tentado	Convertido	%	Seg.
			n	n	%	Seg.	n	n	%	Seg.
HxH	Def.	E	-	-	-	-	1	-	-	8''
		Int.	27	1	4%	19''	2	-	-	27''
	At.	E	-	-	-	-	29	4	14%	27''
		C	10	1	10%	23''	9	-	-	13''
		D	7	-	-	14''	16	-	-	21''
		B2	12	-	-	15''	21	-	-	20''
		B1	30	2	7%	15''	38	8	21%	23''
			86	4	5%	12''	116	12	10%	20''
P	Int.	E	-	-	-	-	1	-	-	2''
		At.	-	-	-	-	2	-	-	15''
	At.	B2	-	-	-	-	3	-	-	8''
		B1	-	-	-	-	2	-	-	20''
			0	0	0%	0''	8	0	0%	11''
--	At.	B2	2	1	50%	2''	1	-	-	4''
		B1	2	0	-	6''	1	-	-	4''
			4	1	25%	4''	2	0	0%	4''

Contra um sistema defensivo HxH, verifica-se que a eficácia do remate é de 5% e 10%, respectivamente no Juvenis e Juniores. Salientamos que as áreas onde a eficácia de remate foi maior, foram a B1 (ofensiva) e C (ofensiva), respectivamente para os Juniores e Juvenis. Já em pressão, a eficácia foi nula e quando a defesa não estava organizada, verificamos nos Juvenis, uma eficácia de 25%. Destes dados concluímos que a organização defensiva supera a eficácia ofensiva.

CAPÍTULO V:

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão interpretados e discutidos os resultados obtidos, tendo em consideração os principais pontos a salientar, de forma a atingir os objectivos a que nos propusemos com a consecução deste trabalho.

1. Análise global do jogo

1.1. Relação entre as posses de bola e as fases de jogo

Face aos resultados, verificamos que, em média, um jogo de Hóquei em Patins do escalão de Juvenis, tem 130 posses de bola enquanto o de Juniores tem, em média 152 posses de bola. Estes resultados, juntamente, com os encontrados por Ferreira (2003), quando estudou o escalão Sénior, reflectem o aumento do número de posses de bola, à medida que aumenta o escalão, visto que em média, os Juvenis têm 130 posses de bola, seguindo-se os Juniores com 152 e os Seniores com 201 posses de bola. Esta tendência pode facilmente ser explicada pelo factor tempo, visto que as partidas de Juvenis, Juniores e Seniores duram respectivamente 30, 40 e 50 minutos.

Verifica-se que o jogo é disputado, preferencialmente em ataque organizado 61% e 73%, respectivamente nos Juvenis e Juniores, (Tabela 2). Relativamente às fases de jogo que se seguem, verificamos que no escalão de Juniores se confirmam os resultados encontrados por Ferreira (2003), visto que seguidamente aparece o ataque rápido (18%), como a fase mais predominante. Quanto ao escalão de Juvenis, a fase que se segue é o contra-ataque (25%).

Os resultados por nós obtidos, quando comparados com os de Ferreira (2003), demonstram que a preponderância relativa do contra-ataque vai diminuindo à medida que o escalão aumenta, ao contrário do ataque rápido que vai aumentando. Tal facto poderá ser explicado pela experiência dos jogadores, que quando estão na posse de bola, procuram precaver-se para uma eventual perda, de forma a não permitir situações de superioridade numérica.

1.2. Áreas de início de posse de bola

Quanto às áreas de início de posse de bola (Tabela 3), os dados recolhidos indicam que é na zona defensiva que se iniciam a maioria das posses de bola, em ambos os escalões. Verificou-se que, respectivamente no escalão de Juvenis e Juniores, 51% e 57% das posses de bola se iniciaram na zona defensiva. Ainda assim, a principal zona de início de posse de bola é a zona E, com 16% e 20%, respectivamente nos Juvenis e Juniores. No escalão de Juvenis, seguem-se as áreas defensivas, A (14%) e B1, C e D (com 10% cada). Para os Juniores, seguem-se a B1 defensiva (17%), D defensiva (12%) e as áreas A e C defensivas (com 11% cada).

Estes dados vão também, de encontro aos de Almeida (1996), Carvalho (1997) e Ferreira (2003), que referem que é na zona defensiva e faixa central do terreno de jogo que se recuperam mais bolas. Parece-nos que estes resultados são compreensíveis e lógicos, pois as acções defensivas são, predominantemente, realizadas em zonas defensivas (à frente da baliza) e por isso é lógico que o número de inícios de posse de bola seja mais elevado nestas áreas.

1.3. Acção na origem das posses de bola

No que concerne às acções que estão na base da origem das posses de bola (Tabela 4), verificamos que estas são a falta (31% nos Juvenis e 34% nos Juniores), ressalto defensivo (19%), nos Juvenis e a recuperação defensiva (22%), nos Juniores. Estes resultados podem ser explicados pela agressividade e pressão defensiva incutidas nas equipas estudadas, o que origina muitas faltas, ou quando tal não acontece, acaba por forçar a equipa adversária a errar. Ainda assim, estes resultados indicam um elevado número de remates, visto que tanto o ressalto defensivo como a recuperação defensiva ocorrem maioritariamente após remate não concretizado.

O grande número de faltas, pode ser explicado pelo rigor tático, posicionamento e controlo de bola e finalmente pela experiência, que será bem inferior comparativamente com os Seniores, o que poderá proporcionar que a acção de oposição ao atacante se possa transformar mais usualmente em falta, em vez de desarme.

Segundo Ferreira (2003), uma das características do Hóquei em Patins é o elevado número de remates por jogo, que na sua maioria não são concretizados. Se a este facto juntarmos as características do terreno de jogo, delimitado por tabelas, permitindo que a bola esteja constantemente em jogo, verificamos que essas tentativas de finalização quando não concretizadas ficam disponíveis para serem recuperadas tanto pela equipa defensora como pela equipa atacante, como se verificou no estudo por nós realizado.

No que se refere às recuperações e ressaltos, estes resultados vão de encontro aos apresentados por Carvalho (1997), Ferreira (2003) e Duque (2004), visto que o remate adversário é a principal causa de recuperação da posse de bola, realçando todavia, o facto de considerarmos que, após um remate, a bola tanto pode ser recuperada por qualquer uma das equipas.

1.4. Relação entre as origens da posse de bola nas diferentes fases de jogo

Analisando as origens da posse de bola das equipas nas diferentes fases de jogo (Tabela 6, 7 e 8), constatamos que no contra-ataque, para os Juvenis, este foi iniciado principalmente, após recuperação defensiva, 31%, enquanto que para os Juniores, foi após desarme, 35%, que o mesmo se iniciou. No que respeita aos ataques rápidos, no escalão mais jovem, 31% destes foram iniciados após falta, enquanto no escalão mais velho foi após recuperação defensiva, 29%. O ataque organizado, foi iniciado preferencialmente após falta, 44%, tanto nos Juniores como nos Juvenis.

Assim, podemos concluir de que uma forma geral, os resultados encontrados para ambos os escalões, no que se refere ao ataque organizado, vão de encontro aos de Ferreira (2003), visto que tanto a recuperação defensiva, como o desarme podem ser incluídos na categoria definida por este, como sendo erro do adversário. Estes resultados, parecem sugerir, que à medida que a experiência dos atletas aumenta, surgem com maior frequência erros forçados por parte da equipa atacante, visto que nos Juvenis a falta predomina em duas das fases de jogo, enquanto nos Juniores aparece numa fase a recuperação defensiva, e na outra o desarme.

1.5. Relação entre as áreas de início de posse de bola e as fases de jogo

No que concerne às áreas de início da posse de bola nas diferentes fases do jogo (Tabela 9, 10 e 11), já anteriormente concluímos que estas se iniciam preferencialmente na zona defensiva. O contra-ataque inicia-se preferencialmente nas áreas laterais C e D, 24%, embora a zona B2 tenha também alguma preponderância com 22%, nos Juvenis. Nos juniores, esta fase inicia-se sobretudo na área central B1, com 26%. No que concerne ao ataque rápido, este inicia-se principalmente na área A defensiva, (32%), nos Juvenis e na zona B1, (32%), nos Juniores. Quanto ao ataque organizado, nos Juvenis, este inicia-se maior número de vezes na área E, enquanto nos Juniores esta fase de jogo tem origem maioritariamente nas áreas defensivas C e D, (22%).

Face aos resultados, podemos concluir que qualquer uma das fases se inicia predominantemente nas zonas centrais, visto que as acções defensivas deverão ser realizadas com o objectivo de evitar que a equipa atacante consiga chegar a zonas centrais e perto da baliza, obrigando desta forma os atacantes a finalizar nas áreas laterais, diminuindo assim a possibilidade de êxito.

1.6. Relação entre o fim da posse de bola e as fases de jogo

No que diz respeito ao fim de posse de bola nas diferentes fases de jogo (Tabela 12), constatamos que o contra-ataque proporciona, relativamente ao número de posses de bolas, mais remates tentados (40% e 37%), para qualquer um dos escalões. Em ataque rápido, esta predominância mantém-se, sendo que o remate tentado, com 30%, é a principal acção de fim de posse de bola, nos Juvenis, enquanto nos Juniores, predomina o desarme, 31%. No que diz respeito ao ataque organizado aparecem o remate tentado e a falta como principais acções de fim de posse de bola, com 28%, nos Juvenis, enquanto no outro escalão, impera a falta (35%).

Tendo em conta o número de remates, e considerando o elevado número de remates tentados, e conseqüentemente não convertidos, em qualquer uma das fases, fica demonstrada a elevada falta de eficácia, num desporto associado aos golos e à constante oscilação do resultado. Quanto ao desarme e à falta, enquanto principais formas de se recuperar a bola, respectivamente no ataque rápido e no ataque

organizado, verifica-se que no escalão de Júniores, estas acções se sobrepõem em relação aos remates tentados, evidenciando crescente superioridade da defesa tanto em superioridade como inferioridade numérica, face aos atacantes. De acordo com Ferreira (2003), o Hóquei em Patins tem uma baixa taxa de eficácia quanto ao número de golos, sendo que o mesmo concluiu que no escalão Sénior, apesar de 48% das acções de jogo terminarem em remate, apenas 3% têm eficácia.

1.7. Relação entre as áreas de fim da posse de bola e as fases de jogo

Em relação às áreas de fim de posse de bola, verificamos que tanto em contra-ataque como em ataque rápido a posse de bola se perde maioritariamente na área B1 (ofensiva), seguida da B2 (ofensiva), para ambos escalões. No que diz respeito ao ataque organizado, a posse de bola acaba sobretudo em áreas laterais, C e D (defensivas), igualmente para ambos os escalões.

Assim verifica-se que o fim da posse de bola ocorre maioritariamente na zona ofensiva. A semelhança verificada, em ambos os escalões, tanto no contra-ataque, como no ataque rápido deve-se ao facto de este tipo de incursões serem bastante rápidas e dirigidas somente a procurar o golo, terminando preferencialmente nas áreas de perigo iminente (B1 e B2), visto serem estas que oferecem maiores probabilidades de concretização.

1.8. Relação entre o tempo da posse de bola e a fase do jogo

No que concerne ao tempo de posse de bola, vemos que a maioria dos contra-ataques (43%), ocorrem num período compreendido entre os 3 e os 5 segundos, nos Júnios, enquanto nos Júniores, esta fase do jogo dura preferencialmente (43%), entre 6 a 8 segundos. No que ao ataque rápido diz respeito, as acções duram maioritariamente entre 3 a 5 segundos, para ambos os escalões, com 34% nos Júnios e 38% nos Júniores. Em ataque organizado, predominam, em ambos os escalões as acções com duração entre 0 e 9 segundos, respectivamente para os Júnios e Júniores, com 40% e 32%.

1.9. Relação entre a distribuição por sistema defensivo, de onde se remata, com que eficácia e com que tempo de duração da posse de bola na situação de ataque organizado

Relativamente ao sistema defensivo, verifica-se que contra um sistema defensivo HxH, a eficácia do remate é de 5% e 10%, respectivamente no Juvenis e Juniores. Salientamos que as áreas onde a eficácia de remate foi maior, B1 (ofensiva) e C (ofensiva), respectivamente para os Juniores e Juvenis. Já em pressão, a eficácia foi nula e quando a defesa não estava organizada, verificamos nos Juvenis, uma eficácia de 25%. Destes dados concluímos que a organização defensiva supera a eficácia ofensiva.

Mais uma vez fica aqui evidenciada a falta de eficácia no Hóquei em Patins. Esta tendência, já encontrada em estudos anteriores, por Almeida (1996), Ferreira (2003) e Duque (2004), pode ser reflectida, por dois grandes factores:

- os guarda-redes pelo grande nível técnico demonstrado e pelo equipamento, conjuntamente com as dimensões da balizam, fazem com que o atacante esteja em inferioridade relativamente ao guarda-redes. Muitas vezes é difícil ao atacante encontrar espaços livres onde a bola possa passar, sendo necessário muitas vezes uma excelente colocação de remate para marcar golos;
- a incorrecta tomada de decisão dos jogadores em muitas situações, optando muitas vezes por rematar em locais que à partida tem pouca probabilidade de ter sucesso.

CAPÍTULO VI:

CONCLUSÕES

Tendo em vista os objectivos definidos no nosso estudo, e depois de analisados os resultados obtidos, torna-se importante enunciar o seguinte quadro de conclusões:

1. ANÁLISE GLOBAL DO JOGO

- Num jogo de Juvenis, existem em média, 130 posses de bola, seguindo-se os Juniores com 152 e os Seniores com 201. Destas 130 posses de bola, 61% são jogadas em ataque organizado, nos Juvenis, enquanto nos Juniores, das 152, são cerca de 73%.

- Verifica-se que 28% das posses de bola nesta fase do jogo terminam em remate, em qualquer um dos escalões estudados, porém com uma eficácia baixa, sendo necessários, em média cerca de 10 remates para marcar um golo, em ambos os escalões estudados.

- A preponderância relativa do contra-ataque vai diminuindo à medida que o escalão aumenta, ao contrário do ataque rápido, que vai aumentando.

- Nos Juvenis, das 130 posses de bola por jogo, a maioria tem origem em faltas ou ressaltos defensivos. Nos Juniores, das 152 posses de bola, a maioria inicia-se após desarme, recuperação defensiva ou falta. Assim, o grande número de faltas, pode ser explicado pelo rigor tático, posicionamento e controlo de bola e finalmente pela experiência, que será bem inferior comparativamente com os Seniores, o que poderá proporcionar que a acção de oposição ao atacante se possa transformar mais usualmente em falta, em vez de desarme, embora já se note uma evolução neste aspecto, do escalão Juvenil para o escalão Júnior.

- O fim da posse de bola ocorre maioritariamente na zona ofensiva, tendo como principal causa o remate tentado e o desarme nos Juvenis e o remate tentado e a falta nos Juniores, evidenciando a crescente superioridade da defesa tanto em superioridade como inferioridade numérica, face aos atacantes.

- As probabilidades de marcar golo aumentam nas áreas centrais e perto da baliza, sendo esses os locais em que o guarda-redes tem maior dificuldade em “tapar” os ângulos da baliza. Torna-se importante que as equipas tenham qualidade nas suas acções de remate, desenvolvendo combinações tácticas que visem a finalização nas referidas áreas, sendo esta forma aumentar a probabilidade de êxito.

- As equipas, quando em ataque, deverão ser pressionadas, para que não tenham tempo de planear os ataques e as suas jogadas, de modo a provocar erros às equipas adversárias, recuperando a posse da bola. Assim, as acções defensivas deverão ser coordenadas de modo a provocar erros às equipas adversárias, procurando uma rápida recuperação da posse de bola.

- A duração de todas as acções ofensivas no Hóquei em Patins são, em média, bastante rápidas, pelo que se torna importante um rápido processo de tomada de decisões, por parte dos atacantes, para tentarem iludir a defesa.

2. LIMITAÇÕES DO PRESENTE ESTUDO

O nosso estudo apresenta características específicas, sendo necessário identificar algumas das suas limitações:

- Cada jogo é um jogo. O seu desenrolar é único e influenciado por aspectos muito particulares e efémeros. Assim, os resultados obtidos neste estudo têm um significado pouco abrangente.
- O tipo de competição, visto que estes resultados apenas servirão para competições de nível internacional, nos escalões estudados, tornando-se difícil uma comparação com as provas nacionais.

3. SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Para que os conhecimentos acerca da modalidade de Hóquei em Patins aumentem, pensamos ser importante realizar o maior número de estudos possíveis. Assim, sugerimos os seguintes estudos:

- Estudo idêntico para verificar se estes resultados se mantêm a nível nacional.

-
- Alargar a amostra, de modo a serem analisados um maior número de jogos, que possam fortalecer os resultados encontrados.
 - Estudo da influência das defesas pressionantes relativamente ao número de faltas e golos sofridos.
 - Estudo da eficácia do jogador em função da posição ocupada no terreno de jogo.
 - A influência do nível técnico do guarda-redes no resultado final.

CAPÍTULO VII: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida T (1996). *Análise do processo ofensivo da Selecção Nacional de Hóquei em Patins de 1995: estudo das jogadas de perigo efectivo*. Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto, Porto.

Anguera M (1997). *Metodología de la observación en las Ciencias Humanas*, 6ª Edição, Ediciones Catedra, Madrid.

Carvalho J (1997). *Análise do processo defensivo do Futebol Clube do Porto no Campeonato Europeu de Clubes em Hóquei em Patins*. Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto, Porto.

Claudino R (1993). *Observação em pedagogia do desporto – elaboração de um sistema de observação e sua aplicação pedagógica a jogos desportivos colectivos*. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Dufour W (1989). *Las Técnicas de Observacion del Comportamiento Motor*. *Revista Stadium*, 83, pp. 10-16.

Duque G (2004). *Estrutura interna do jogo de hóquei em patins: Estudo exploratório das posses de bola no escalão de juvenis masculinos*. Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra.

Ferreira L (2003). *Estrutura interna do jogo de hóquei em patins: Estudo exploratório das posses de bola no escalão de seniores masculinos*. Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra.

Garganta J (1998). Analisar o jogo nos Jogos Desportivos Colectivos: uma preocupação comum ao treinador e investigador. *Revista Horizonte*, Vol XIV (83): 7-14.

Gayo A (1999). El hockey sobre patines como deportes de equipo – Análisis y optimización de los sistemas de juego a través de indicadores tácticos. *Dissertação de Doutoramento*. INEF – Galicia, La Coruña.

Higgins J (1977). *Human movement and integrated approach*. Mosby Company. Saint Louis

Honório E (1988). *Hóquei em Patins – aspectos específicos da modalidade*. Ministério da Educação, Direcção Geral dos Desportos: Lisboa.

Manças J (1988). Caracterização dos Esforços no Hóquei em Patins. *Treino Desportivo*, II (9): 43-49.

Marques F (1995). Métodos de quantificação em desportos colectivos. *Revista Horizonte*, Vol XIII (65): 183-189.

Martins J P (1998). Definição de uma simbologia específica para o Hóquei em Patins. *Magazine Patinagem – Edição Especial*.:1-4.

Miguel R (1993). *Análise de jogo em Basquetebol: estudo do inicio e fim das posses de bola por fase de jogo da equipa vencedora e da equipa vencida*. Monografia. Escola Superior de Educação de Coimbra.

Nazário R (1993). *Análise de jogo em Basquetebol: estudo do inicio e fim das posses de bola por fase de jogo da equipa vencedora e vencida*. Monografia. Escola Superior de Educação de Coimbra.

Oliveira J (1996). Para uma Teoria do Basquetebol. *Revista Horizonte*, Vol XII (72): 209-214.

Ortega J; Contreras M (2000). La observación en los deportes de equipo. *Revista Digital de Educación Física Deportes*, 18. Disponível: <http://www.efdeportes.com/efd18a/dequipo.htm>

-
- Porta J & Mori I (1982). *Hockey Total*. Oviedo.
- Postic M (1977). *Observation et Formation des Enseignements*, PUF, Paris.
- Sarmiento P (1989). A representação mental no treino. *Revista Horizonte*. (32): 51-57.
- Sarmiento P (1991). *A observação na formação em desporto*. *Revista Horizonte*. (41): 167-174.
- Sarmiento P (1993). *Pedagogia do Desporto: Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*, 2ª Edição, Lisboa, Edições FMH.
- Sarmiento P (1995). A observação diagnóstica em contexto pedagógico. *Revista Horizonte*, Vol XII (68): 62-65.
- Sampaio A (1997). *O sucesso em Basquetebol: um estudo centrado nos indicadores da performance do jogo*. Relatório apresentado às provas de aptidão pedagógica e científica. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real de Trás-os-Montes.
- Sampaio A (1998). *Los indicadores estadísticos más determinantes en el resultado final en los partidos de Basquetbol*. *Revista Digital de Educación Física Deportes*, 11. Disponível: <http://www.efdeportes.com/efd11/sampe.htm>
- Sampaio, A (1999). Análise do jogo em Basquetebol: da pré-história ao Data Mining. *Revista Digital de Educación Física Deportes*, 15. Disponível: <http://www.efdeportes.com/efd15/datam.htm>
- Siedentop, D (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*, 2ª Edição, Mayfield Publishing Company, Palo Alto.
- Teodorescu L (1984) *Problemas de teoria e metodologia nos Jogos Desportivos Colectivos*. Livros Horizonte: Lisboa.

Vaz V (2000). *Perfil antrométrico e caracterização do esforço em jogadores juvenis de hóquei em patins*. Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra.

Velasco F (1982). *Hóquei em Patins*. Editorial Presença: Lisboa

Wragg E (1999), *Introduction to classroom observation*, 2nd Edition, Routledge, London.

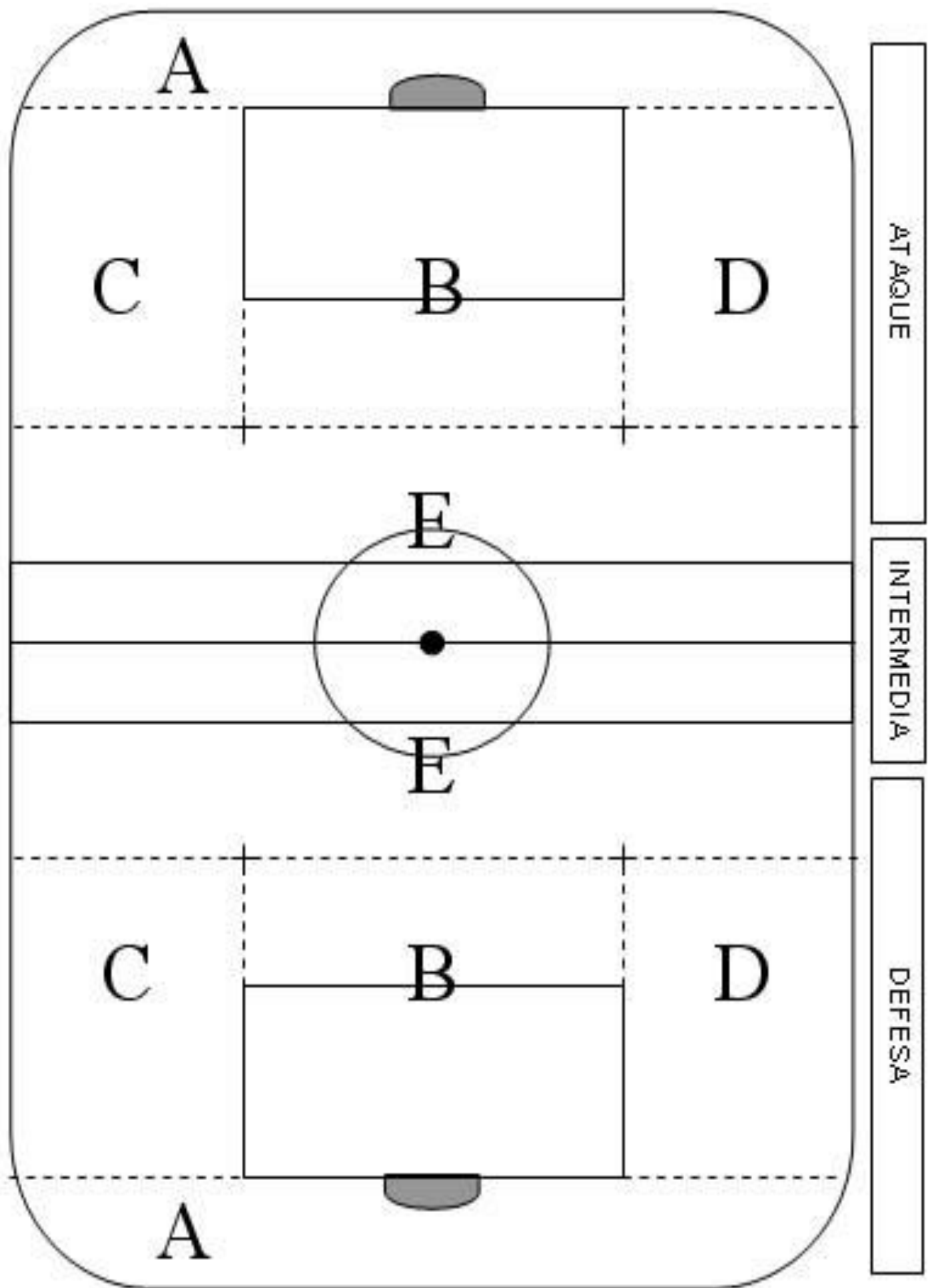
ANEXOS

Anexo 1

(Ficha de observação)

Anexo 2

(Campograma)



Anexo 3

(Fichas dos jogos observados)

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1.ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
1	IJ	ZI	E	A.O.	HxH	R	ZA	B1	47''
2	RSO	ZA	B2	A.O.	HxH	PF	ZA	A	18''
4	RD	ZD	D	AO	HxH	DS	ZA	A	20''
6	F	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	B2	11''
8	F	ZA	B1	AR		G	ZA	B1	2''
10	DS	ZD	E	AR		F	ZA	D	1''
11	F	ZA	C	AO	P	F	ZA	B1	4''
15	PI	ZD	B1	AO	P	F	ZA	E	6''
16	F	ZA	E	AO	HxH	R	ZA	B2	22''
17	RSO	ZA	D	AO	HXH	G	ZA	B1	44''
19	DS	ZD	D	CA		PF	ZA	D	4''
22	F	ZI	E	AO	HxH	PF	ZA	C	37''
25	RSD	ZD	C	AO	HxH	F	ZA	A	7''
26	F	ZA	C	AO	HxH	DS	ZA	B1	11''
28	DS	ZD	C	AO	HxH	DS	ZA	B1	18''
30	PI	ZD	E	AR		PF	ZA	C	5''

Suíça

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
3	RSD	ZD	A	AO	HXH	R	ZA	E	12''
5	DS	ZD	A	AO	HXH	F	ZI	E	22''
7	RD	ZD	B1	AO	P	F	ZD	B1	2''
8	IJ	ZI	E	AO	P	DS	ZA	E	18''
12	F	ZD	D	AO	P	F	ZI	E	10''
13	F	ZI	E	AO	P	F	ZA	A	12''
14	F	ZA	D	AO	P	PI	ZA	B1	7''
18	IJ	ZI	E	AO	P	DS	ZA	C	14''
20	RD	ZD	A	AO	P	F	ZD	A	4''
21	F	ZD	A	AO	P	F	ZI	E	12''
23	RD	ZA	A	AO	P	F	ZD	C	9''
24	F	ZD	C	AO	P	RF	ZA	D	20''
27	DS	ZD	B1	AO	P	DS	ZA	A	14''
29	DS	ZD	E	AR	-	PI	ZA	E	4''
31	RD	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B1	6''
33	IJ	ZI	E	AO	P	F	ZA	C	9''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1.ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
32	RD	ZD	B1	AR		G	ZA	B2	8''
35	DS	ZD	C	AO	HxH	G	ZA	E	41''
38	RD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	A	18''
40	PI	ZD	E	CA	-	G	ZA	B1	4''
42	RD	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	C	26''
44	F	ZD	C	AO	HxH	DS	ZA	B1	19''
46	DS	ZD	D	AO	HxH	DS	ZA	B1	53''
52	RD	ZD	D	AR	-	F	ZA	E	5''
53	F	ZA	E	AO	HxH	RF	ZA	D	13''
56	PI	ZA	E	AR	-	DS	ZA	C	2''
58	RSD	ZD	A	AR	-	F	ZD	E	4''
59	F	ZD	E	AO	HxH	PI	ZA	B1	70''
62	RD	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	C	24''
63	F	ZA	C	AO	HxH	F	ZA	A	36''
64	F	ZA	C	AO	HxH	DS	ZA	B2	11''
67	DS	ZD	A	AO	HxH	DS	ZA	B2	17''

Suíça

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
34	F	ZA	C	AO	P	DS	ZA	D	15''
36	IJ	ZI	E	AO	P	F	ZI	E	5''
37	F	ZI	E	AO	P	R	ZI	E	2''
39	F	ZD	D	AO	P	PI	ZA	E	6''
41	IJ	ZI	E	AO	P	PF	ZI	E	3''
43	F	ZD	D	AO	P	F	ZA	D	4''
45	DS	ZD	B1	AR	-	DS	ZA	C	9''
47	DS	ZA	D	AO	HxH	R	ZA	C	8''
48	RSO	ZA	D	AO	HxH	R	ZA	B1	9''
49	RO	ZA	B1	AR	-	R	ZA	B1	1''
50	RSO	ZA	A	AR	-	F	ZA	A	5''
51	GD	ZA	C	AO	P	R	ZA	B1	7''
54	RSD	ZD	A	AO	P	F	ZA	A	2''
55	F	ZD	C	AO	P	PI	ZD	E	4''
57	DS	ZD	D	AR	-	RF	ZA	B1	14''
60	PI	ZD	B1	AR	-	R	ZA	C	5''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

2.ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
86	DS	ZD	C	AO	HxH	PF	ZA	E	61''
88	RD	ZD	A	AO	HxH	PI	ZA	C	55''
90	DS	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	B1	11''
91	RO	ZA	A	AO	HxH	R	ZA	B1	51''
83	RD	ZD	A	AR	-	F	ZA	B2	6''
94	F	ZA	B2	AR	-	R	ZA	B1	2''
96	RD	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	A	25''
100	RD	ZD	D	AR	-	R	ZA	B1	4''
102	RD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	D	18''
103	RO	ZA	A	AO	HxH	G	ZA	B1	27''
105	RD	ZD	A	AR	-	PI	ZA	B1	6''
108	RD	ZD	B1	AR	-	PI	ZA	B2	6''
110	PI	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B2	5''
111	RSO	ZA	D	AO	HxH	F	ZA	D	7''
112	F	ZA	D	AO	HxH	PF	ZA	E	11''
114	DS	ZD	B2	AO	HxH	RF	ZA	B1	26''

Suíça

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
85	IJ	ZI	E	AO	P	DS	ZA	D	13''
87	RD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	E	16''
89	PI	ZD	D	AO	P	DS	ZA	D	5''
92	RSD	ZD	A	CA	-	R	ZA	B1	9''
95	RD	ZD	C	AR	-	R	ZA	B2	12''
97	F	ZD	D	AR	-	R	ZA	D	10''
98	RSO	ZA	B2	AR	-	R	ZA	B1	3''
99	RSO	ZA	C	AO	P	PF	ZA	D	13''
101	RD	ZD	A	AO	P	R	ZA	B2	9''
104	IJ	ZI	E	AO	P	R	ZA	B2	5''
107	PI	ZD	B1	AO	P	F	ZA	A	11''
109	F	ZA	D	AO	HxH	R	ZA	B2	21''
110	PI	ZD	B2	AO	P	PI	ZA	B2	10''
113	RSD	ZD	B1	AO	HxH	DS	ZA	B2	33''
115	RSD	ZD	B1	AO	P	DS	ZD	C	2''
118	R	ZD	B1	AR	-	G	ZA	B2	6''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

2.ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
116	DS	ZA	D	AO	P	F	ZA	A	5''
117	F	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	B1	34''
119	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	D	26''
120	F	ZA	D	AO	HxH	DS	ZA	B2	27''
122	RSD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	E	43''
124	RSD	ZD	C	CA	-	PF	ZA	B1	5''
126	PI	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	D	27''
128	RD	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	B2	8''
131	RSD	ZD	B1	AR	-	R	ZA	B1	7''
134	RSD	ZD	D	AO	HxH	F	ZA	D	12''
136	RD	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	B1	47''
139	PI	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	B2	45''
143	RSD	ZD	B1	CA	-	PI	ZD	B2	5''
145	RD	ZD	B1	CA	-	DS	ZD	B1	5''
147	PI	ZD	B1	CA	-	RF	ZA	C	4''
149	DS	ZD	B2	AR	-	DS	ZA	B2	5''

Suíça

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
121	DS	ZD	B2	AR	-	R	ZA	B2	5''
123	RSD	ZD	C	AO	HxH	RF	ZA	D	31''
125	RD	ZD	C	AR	-	PI	ZA	B1	7''
127	F	ZD	C	AO	P	PF	ZA	E	8''
129	RD	ZD	C	AO	P	F	ZA	E	12''
130	F	ZA	E	AO	P	R	ZA	B1	9''
132	RD	ZD	B1	CA	-	F	ZA	A	10''
133	F	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	B1	7''
135	F	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	C	9''
137	RD	ZD	B1	AO	P	R	ZA	B2	9''
138	F	ZA	C	AO	P	PI	ZA	D	14''
140	RSD	ZD	D	AO	P	F	ZD	D	6''
141	F	ZD	D	AO	P	F	ZA	D	18''
142	F	ZA	D	AO	HxH	R	ZA	D	2''
144	PI	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B1	6''
146	DS	ZD	B1	CA	-	PI	ZA	B1	8''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1.ª Parte

Itália

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
1	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	B1	17''
3	F	ZD	B1	AO	HxH	DS	ZA	A	14''
9	RD	ZD	B1	AO	HxH	RF	ZA	E	23''
11	DS	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	C	11''
13	RD	ZD	C	AO	P	RF	ZA	B2	10''
15	RO	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	B2	8''
19	DS	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B2	5''
20	RSO	ZA	A	AR	-	R	ZA	B2	4''
21	RO	ZA	C	AR	-	R	ZA	B1	2''
23	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	D	22''
24	F	ZA	D	AO	HxH	F	ZA	E	8''
25	F	ZA	E	AO	P	PI	ZA	E	3''
27	RD	ZD	B1	AR	-	F	ZA	A	9''
29	RD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	B1	47''
32	PI	ZA	E	AO	P	R	ZA	E	10''
35	RSD	ZD	C	AO	HxH	DS	ZA	C	14''

Espanha

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
2	RD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	B1	18''
4	DS	ZD	A	AR	-	F	ZA	D	6''
5	F	ZA	A	AO	HxH	R	ZA	D	12''
6	RSO	ZA	A	AR	-	R	ZA	B1	3''
7	RO	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	E	14''
8	RO	ZA	B2	AR	-	R	ZA	B1	3''
10	RSD	ZD	B2	AO	P	PF	ZD	E	2''
12	RD	ZA	B1	AO	HxH	R	ZA	B2	23''
14	RSD	ZD	B2	AO	P	PF	ZD	E	2''
16	RD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	D	33''
17	RSO	ZA	B1	AR	-	R	ZA	B1	1''
18	RO	ZA	B2	AR	-	DS	ZD	B2	3''
22	RD	ZD	B1	AO	HxH	G	ZA	E	11''
26	PI	ZD	E	AR	-	R	ZA	B1	6''
28	F	ZD	C	AO	HxH	R	ZI	E	9''
29	RSO	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	B2	27''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1.ª Parte

Itália

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
37	DS	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B1	5''
39	RD	ZA	B1	AO	HxH	R	ZA	B2	13''
41	RSD	ZD	A	AO	HxH	PF	ZA	B2	59''
43	RSD	ZD	E	AO	HxH	R	ZA	B1	18''
46	F	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	B2	8''
48	RSO	ZA	E	AO	HxH	F	ZA	D	16''
49	F	ZA	D	AO	HxH	F	ZI	E	5''
51	F	ZD	C	AO	HxH	PF	ZA	C	12''
53	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZI	E	7''
55	RD	ZD	A	AO	HxH	PI	ZA	C	27''
58	F	ZD	C	AO	HxH	PI	ZA	B2	17''
60	DS	ZD	A	AO	HxH	DS	ZA	C	12''
62	RD	ZD	A	AO	HxH	DS	ZI	E	13''
64	PI	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	D	29''
66	RSD	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	B1	23''
68	F	ZD	C	AO	HxH	PF	ZA	D	28''

Espanha

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
30	RSO	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	B1	29''
31	RD	ZD	A	AO	P	PI	ZD	E	4''
33	RD	ZD	C	AR	-	R	ZI	E	9''
34	RO	ZA	C	AO	HxH	PI	ZA	B1	20''
36	DS	ZD	D	AO	HxH	DS	ZA	B2	30''
38	RD	ZD	B1	AR	-	R	ZA	B1	8''
40	RD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	E	35''
42	RD	ZD	B2	AR	-	RF	ZA	E	3''
44	RD	ZD	B1	AO	P	F	ZA	B1	2''
45	F	ZD	C	AO	HxH	F	ZA	E	28''
47	RD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	D	26''
50	F	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	B1	32''
52	RD	ZD	D	AO	HxH	G	ZA	E	23''
54	F	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	D	57''
56	PI	ZD	D	AR	-	R	ZA	B1	8''
57	RSO	ZA	A	AO	HxH	R	ZA	D	23''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

2.ª Parte

Itália

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
73	RSD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	E	30''
74	F	ZA	E	AO	P	R	ZA	B1	30''
75	RO	ZA	A	AO	HxH	R	ZA	E	20''
77	DS	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	B1	7''
79	DS	ZD	A	AR	-	F	ZA	D	8''
80	F	ZA	D	AO	HxH	R	ZA	B2	3''
82	RD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	C	9''
86	F	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	E	15''
88	RSD	ZD	B1	CA	-	RF	ZA	B1	7''
92	RD	ZD	A	AO	P	R	ZA	E	19''
93	RO	ZA	E	AO	HxH	F	ZA	C	27''
94	F	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	B2	9''
96	RSD	ZD	B1	AO	HxH	DS	ZI	E	13''
98	RD	ZD	A	AO	HxH	DS	ZA	C	17''
101	DS	ZD	D	AR	-	F	ZA	D	5''
103	F	ZI	E	AO	P	PF	ZA	D	5''

Espanha

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
72	IJ	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	E	60''
76	RSD	ZA	B2	CA	-	DS	ZA	B2	6''
78	F	ZD	C	AO	HxH	DS	ZA	B1	33''
81	RSD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	E	53''
83	RSD	ZD	D	AO	HxH	F	ZA	B2	56''
84	F	ZA	B2	AO	HxH	F	ZA	D	25''
85	F	ZA	D	AO	HxH	F	ZA	C	4''
87	RSD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	B1	12''
89	RSD	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	E	55''
90	RSO	ZA	E	AO	HxH	R	ZA	E	25''
91	RSO	ZA	B1	AR	-	R	ZA	B1	2''
95	RSD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	E	39''
97	DS	ZI	E	CA	-	F	ZA	B1	5''
98	F	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	E	6''
100	DS	ZD	D	AO	HxH	DS	ZA	C	27''
102	F	ZD	C	AO	HxH	F	ZI	E	5''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

2.ª Parte

Itália

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
105	RSD	ZA	B1	AO	P	DS	ZA	E	15''
108	RD	ZD	B1	AO	P	PF	ZA	D	7''
110	DS	ZD	B2	AO	P	DS	ZA	E	5''
112	RD	ZD	D	AO	HxH	DS	ZA	C	6''
114	RD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	B1	9''
116	RSD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	B2	5''
118	R	ZD	B1	CA	-	F	ZA	B2	5''
119	F	ZA	B2	AO	HxH	DS	ZA	B2	26'
121	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	C	49''
122	F	ZA	C	AO	HxH	PF	ZA	D	10''
124	PI	ZD	C	CA	-	F	ZA	B1	7''
125	F	ZA	B1	AO	P	DS	ZA	B1	4''
128	F	ZD	C	AO	HxH	PF	ZA	D	13''
132	F	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	B2	8''
133	F	ZA	B2	AO	HxH	G	ZA	B1	3''
137	F	ZD	C	AO	HxH	F	ZD	B1	6''

Espanha

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
104	RSD	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	B1	24''
106	DS	ZD	E	CA	-	F	ZA	A	8''
107	F	ZA	D	AO	HxH	R	ZA	E	18''
109	RSD	ZD	B2	AR	-	DS	ZA	B2	4''
111	DS	ZD	E	AO	HxH	PF	ZA	D	45''
113	DS	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	B2	6''
115	RD	ZD	A	AO	HxH	RF	ZA	B1	8''
117	RSD	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B1	6''
120	DS	ZD	B2	CA	-	G	ZA	B1	5''
123	RSD	ZD	C	AO	HxH	PI	ZA	D	49''
126	DS	ZD	B1	AO	P	F	ZA	C	36''
127	F	ZA	C	AO	HxH	F	ZA	A	21''
129	RSD	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	D	24''
130	F	ZA	D	AO	P	F	ZA	A	25''
131	F	ZA	C	AO	P	F	ZI	E	12''
132	IJ	ZI	E	AO	P	F	ZI	E	2''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
3	PI	ZD	B1	AR	-	F	ZA	A	9''
4	F	ZA	A	AO	HxH	DS	ZA	B2	5''
5	RD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	D	17''
6	RSD	ZA	A	AO	HxH	R	ZA	B2	35''
7	RO	ZA	B1	AR	-	R	ZA	B1	2''
10	PI	ZD	D	AO	HxH	G	ZA	B1	13''
12	RD	ZD	D	AO	P	F	ZD	A	5''
13	F	ZD	A	AO	HxH	DS	ZA	B1	57''
16	PI	ZI	E	AR	-	DS	ZA	D	4''
18	RD	ZD	E	CA	-	RF	ZA	B1	6''
20	DS	ZI	E	AR	-	R	ZA	B1	1''
21	RO	ZA	E	AO	HxH	F	ZA	B2	7''
23	RD	ZD	D	AO	HxH	PF	ZA	B1	42''
27	RD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	B1	41''
30	DS	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B1	5''
33	F	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	D	9''

Itália

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
1	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZI	E	19''
2	F	ZI	E	AO	HxH	PI	ZA	B1	14''
8	RD	ZD	B1	AR	-	F	ZD	C	2''
9	F	ZD	C	AO	HxH	PF	ZA	C	20''
11	IJ	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	C	6''
14	DS	ZI	B1	AO	P	F	ZD	A	6''
15	F	ZD	A	AO	HxH	PF	ZI	E	4''
17	DS	ZD	C	CA	-	R	ZA	E	8''
19	RD	ZD	A	CA	-	DS	ZI	E	2''
22	F	ZD	B2	AO	HxH	PF	ZA	D	22''
24	RD	ZD	B1	AO	P	F	ZD	E	6''
25	F	ZD	E	AO	HxH	F	ZA	D	27''
26	F	ZA	D	AR	-	R	ZA	B2	4''
28	RD	ZD	A	AO	HxH	F	ZD	D	19''
29	F	ZA	D	AO	P	DS	ZA	B2	6''
31	RD	ZD	A	CA	-	F	ZA	A	8''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
35	F	ZA	D	AO	HxH	PF	ZA	B1	3''
39	RD	ZD	C	AR	-	PF	ZA	D	5''
42	RSD	ZD	E	AO	HxH	R	ZA	E	40''
43	RO	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	B1	28''
45	RD	ZD	E	CA	-	R	ZA	B1	9''
47	PI	ZA	D	AO	HxH	R	ZA	E	16''
49	DS	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	B1	56''
51	RD	ZD	B1	AO	P	F	ZD	A	2''
52	F	ZD	D	AO	HxH	F	ZA	A	25''
53	F	ZA	C	AO	HxH	G	ZA	B1	2''
55	F	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	D	12'
58	RSD	ZD	C	CA	-	DS	ZA	B1	21''
61	RD	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	B1	17''
63	F	ZD	D	AR	-	G	ZA	B1	5''
65	RSD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	B2	11''
66	F	ZA	B2	AO	HxH	PF	ZA	D	27''

Itália

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
32	F	ZA	A	AO	HxH	F	ZA	C	17''
34	RD	ZD	C	AO	P	F	ZD	C	3''
36	RD	ZD	B1	AR	-	F	ZA	D	18''
37	F	ZA	D	AO	HxH	F	ZA	C	34''
38	F	ZA	C	AO	HxH	PF	ZA	E	13''
40	RD	ZD	A	AO	P	F	ZD	A	1''
41	F	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	E	20''
44	RD	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	D	40''
46	RD	ZD	A	AR	-	PI	ZD	C	2''
48	RD	ZD	B1	AO	HxH	DS	ZA	C	18''
50	RD	ZD	B1	AR	-	R	ZA	B2	19''
54	IJ	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	E	4''
56	RD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	D	14''
57	RO	ZA	A	AR	-	PF	ZA	E	8''
59	DS	ZD	C	CA	-	F	ZA	D	10''
60	F	ZA	D	AO	HxH	R	ZA	B1	9''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

2ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
79	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	C	15''
80	F	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	B2	51''
83	F	ZD	E	AO	HxH	R	ZA	B1	28''
85	RD	ZD	C	AO	HxH	R	ZA	B2	24''
87	PI	ZD	B1	AR	-	PI	ZD	E	2''
89	DS	ZD	B1	AO	HxH	DS	ZA	B2	25''
91	RD	ZD	B1	AO	HxH	R	ZA	B2	22''
92	RO	ZA	E	AO	HxH	DS	ZA	A	30''
95	RD	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	A	9''
96	F	ZA	D	AO	HxH	F	ZA	B1	35''
97	F	ZA	B1	AR	-	G	ZA	B1	1''
99	RD	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	A	15''
100	F	ZA	D	AO	HxH	PI	ZA	C	21''
102	F	ZD	D	AO	HxH	PI	ZA	B1	36''
106	PI	ZD	B2	CA	-	PI	ZA	B1	8''
110	DS	ZD	B2	AR	-	R	ZA	B1	8''

Itália

PB	Início			Fase	Sist Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
81	RSD	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	E	26''
82	F	ZA	E	AO	HxH	F	ZA	E	27''
84	RD	ZD	D	AR	-	PF	ZA	D	6''
86	RD	ZD	B1	CA	-	PI	ZA	B1	7''
88	RO	ZA	E	AO	HxH	DS	ZA	B1	8''
90	DS	ZD	B2	CA	-	R	ZA	C	6''
93	DS	ZD	A	AR	-	F	ZI	E	5''
94	F	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	B2	19''
98	IJ	ZI	E	AO	HxH	RF	ZA	C	8''
101	PI	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	B1	22''
103	PI	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	C	21''
104	F	ZA	C	AO	HxH	F	ZA	A	15''
105	F	ZA	D	AO	HxH	PI	ZA	B2	15''
107	PI	ZD	E	AR	-	F	ZA	D	5''
108	F	ZA	D	AO	HxH	DS	ZA	B2	30''
110	RD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	C	30''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

2ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
112	RSD	ZD	C	AO	HxH	RF	ZA	E	42''
116	PI	ZD	E	AR	-	F	ZA	B2	4''
117	F	ZA	B2	AO	HxH	F	ZA	B1	40''
118	F	ZA	B1	AO	HxH	F	ZA	D	19''
119	F	ZA	D	AO	HxH	PI	ZA	B1	14''
121	DS	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B1	6''
122	IJ	ZI	E	AO	HxH	PI	ZA	B1	28''
126	DS	ZD	C	AO	HxH	F	ZD	D	4''
127	F	ZD	D	AO	HxH	F	ZA	A	30''
128	F	ZA	C	AO	HxH	F	ZA	C	50''
129	F	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	B1	27''
130	RO	ZI	E	AR	-	DS	ZA	E	11''
134	F	ZD	B1	AO	HxH	PI	ZA	B1	23''
136	RD	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	A	43''
138	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	C	38''
140	F	ZD	C	AO	HxH	F	ZA	B2	61''

Itália

PB	Início			Fase	Sist Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
111	F	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	C	5''
113	RD	ZD	B2	AO	HxH	F	ZA	A	15''
114	F	ZA	D	AO	HxH	F	ZA	E	15''
115	F	ZA	E	AO	P	PI	ZA	E	4''
120	PI	ZA	B1	AR	-	DS	ZA	B2	7''
122	RD	ZD	B1	AR	-	F	ZA	D	11''
123	F	ZA	D	AR	-	G	ZA	B1	3''
125	PI	ZD	B1	CA	-	DS	ZA	B1	9''
131	DS	ZD	E	AR	-	F	ZA	E	8''
132	F	ZA	E	AO	HxH	F	ZA	D	18''
133	F	ZA	D	AO	HxH	F	ZA	B1	9''
135	I	ZD	B1	CA	.	R	ZA	B1	6''
137	F	ZD	D	AO	HxH	G	ZA	E	11''
139	F	ZD	D	AO	HxH	F	ZA	D	7''
142	F	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	E	14''
143	F	ZA	E	AO	HxH	R	ZA	B1	5''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
1	IJ	ZI	E	AO	HxH	DS	ZA	B1	8''
3	RD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	C	13''
4	F	ZA	C	AO	HxH	F	ZA	E	8''
5	F	ZA	E	AO	HxH	F	ZA	E	10''
6	F	ZA	E	AO	HxH	G	ZA	B1	5''
12	F	ZD	D	AO	HxH	PF	ZA	A	20''
17	F	ZD	A	AO	HxH	F	ZA	A	54''
18	F	ZA	A	AO	HxH	RF	ZA	B2	8''
20	RD	ZD	C	AO	HxH	RF	ZA	B2	25''
22	RD	ZD	B1	AR	-	R	ZA	D	9''
24	F	ZD	A	AO	HxH	DS	ZA	D	36''
26	PI	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	C	12''
28	RS D	ZD	B1	AO	HxH	PI	ZA	A	17''
30	RD	ZD	D	AR	-	PF	ZA	D	8''
32	RD	ZD	B1	AO	HxH	DS	ZA	E	75''
34	DS	ZD	B2	AO	HxH	F	ZI	E	9''

Espanha

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
2	DS	ZD	B1	CA	-	R	ZA	B1	5''
7	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	E	22''
8	F	ZA	E	AO	HxH	F	ZA	B2	40''
9	F	ZA	B2	AO	HxH	R	ZA	B2	27''
10	RO	ZA	A	AO	HxH	F	ZA	A	13''
11	F	ZA	D	AO	HxH	F	ZA	A	3''
13	RD	ZD	A	AO	HxH	F	ZI	E	36''
14	F	ZI	E	AO	HxH	F	ZD	E	15''
15	F	ZD	E	AR	-	F	ZA	B2	6''
16	F	ZA	B2	AO	HxH	F	ZA	A	15''
19	RSD	ZD	B2	AR	-	R	ZA	B2	5''
21	RSD	ZD	B2	CA	-	R	ZA	B2	4''
23	RD	ZD	C	CA	-	F	ZA	A	7''
25	DS	ZD	C	AR	-	PI	ZA	B1	6''
27	F	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	B1	7''
29	PI	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	B2	23''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

1ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
35	F	ZI	E	AO	HxH	PI	ZA	E	1''
37	RD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	E	15''
38	F	ZA	E	AO	HxH	PF	ZA	B1	3''
41	DS	ZD	A	AO	HxH	RF	ZA	B2	17''
43	RD	ZD	E	AR	-	PF	ZA	C	3''
47	F	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	E	34''
49	RD	ZD	A	AR	-	R	ZA	B2	9''
51	F	ZD	C	AR	-	PI	ZA	B1	7''
54	RSD	ZD	E	AO	HxH	F	ZA	A	8''
55	F	ZA	C	AO	HxH	F	ZA	A	12''
57	RD	ZD	B1	AO	HxH	DS	ZA	D	19''
59	RD	ZD	D	AR	-	DS	ZA	B2	6''
61	RD	ZD	A	AR	-	R	ZA	D	7''
64	RSD	ZD	C	AO	HxH	DS	ZD	D	1''
66	RD	ZD	A	AO	HxH	RF	ZA	B1	21''
68	IJ	ZI	E	AO	HxH	F	ZA	D	8''

Espanha

PB	Início			Fase	Sist. Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
31	RD	ZD	D	AR	-	R	ZA	B2	8''
33	DS	ZD	E	AO	-	DS	ZA	B2	5''
36	PI	ZD	E	AO	-	R	ZA	B1	4''
39	RSD	ZD	B1	AO	P	F	ZA	D	4''
40	F	ZD	D	AO	HxH	DS	ZA	A	13''
42	RSD	ZD	B2	AO	-	R	ZA	B2	4''
44	RD	ZD	D	AO	HxH	F	ZA	D	12''
45	F	ZA	D	AO	HxH	R	ZI	E	45''
46	RO	ZA	A	AO	HxH	F	ZA	C	23''
48	RD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	D	30''
50	RD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	B1	5''
52	PI	ZD	B1	AO	HxH	F	ZI	E	5''
53	F	ZI	E	AO	HxH	RF	ZA	E	12''
56	F	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	B1	11''
58	DS	ZD	C	AO	P	PF	ZA	D	33''
60	DS	ZD	B2	AO	-	R	ZA	D	6''

FICHA DE OBSERVAÇÃO

2ª Parte

Portugal

PB	Início			Fase	Sist Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
110	F	ZD	D	AO	HxH	F	ZA	E	17''
112	F	ZD	C	AO	HxH	RF	ZA	B1	10''
114	RD	ZD	B1	AR	-	F	ZA	D	11''
115	F	ZA	D	AO	HxH	DS	ZA	E	30''
117	RSD	ZD	B1	AO	P	F	ZD	D	2''
119	RD	ZD	A	AO	HxH	R	ZA	D	18''
121	RSD	ZD	A	AR	-	G	ZA	B1	7''
123	RSD	ZD	D	AO	HxH	PI	ZA	A	56''
125	PI	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	C	47''
127	F	ZD	D	AO	HxH	F	ZA	A	50''
128	F	ZA	C	AO	P	F	ZA	A	8''
129	F	ZA	D	AO	P	F	ZA	E	8''
130	F	ZA	E	AO	HxH	RF	ZA	A	5''
132	RD	ZD	C	AO	P	RF	ZA	B1	15''
134	RD	ZD	A	AO	P	F	ZD	A	5''
136	RD	ZD	C	AO	HxH	F	ZA	D	12''

Espanha

PB	Início			Fase	Sist Defensivo	Final			Tempo PB
	Origem da PB	Zona	Área			Fim PB	Zona	Área	
116	DS	ZD	E	CA	-	R	ZA	B1	6''
118	F	ZA	C	AO	HxH	PF	ZA	C	1''
120	F	ZD	D	AO	HxH	RF	ZA	B2	19''
122	IJ	ZI	E	AO	HxH	RF	ZA	C	15''
124	PI	ZD	A	AO	HxH	PI	ZA	B1	62''
126	F	ZD	B	AO	HxH	F	ZA	C	25''
131	RSD	ZD	A	AR	-	PF	ZI	E	3''
133	RSD	ZD	D	AR	-	PF	ZA	D	8''
135	F	ZA	C	AO	HxH	R	ZA	E	5''
138	DS	ZD	A	AR	-	F	ZI	E	4''
139	F	ZI	E	AO	HxH	R	ZA	D	6''
141	PI	ZD	E	AR	-	F	ZA	E	4''
147	F	ZD	C	AO	HxH	R	ZD	E	8''
149	DS	ZD	D	AO	HxH	R	ZA	C	7''
152	RD	ZD	B1	AO	HxH	F	ZA	E	15''
153	F	ZA	E	AO	HxH	F	ZA	B1	4''

Anexo 4

(Categorías utilizadas)

CATEGORIAS

De acordo com Ferreira Duque (2004), para que o instrumento de observação elaborado seja válido, concreto e proporcione uma uniformização de critérios de observação, impõe-se definir os termos utilizados. Torna-se importante a utilização de uma linguagem clara, para que os observadores compreendam aquilo que se deseja analisar e não existam dúvidas em assinalar uma determinada acção de jogo na respectiva categoria de observação.

Origem da posse de bola:

Segundo Duque (2004) é a acção individual ou colectiva que leva à aquisição da posse de bola por parte de uma equipa, como tal:

- Início de jogo (IJ) – Origem da posse de bola coincidente com o início de cada parte do jogo.
- Desarme (DS) – Recuperação da posse de bola, após um momento de disputa da mesma.
- Falta (F) – Origem da posse de bola que coincide com uma falta da equipa adversária em situação ofensiva.
- Passe interceptado (PI) – Recuperação da posse de bola após interceptação do passe da equipa contrária.
- Ressalto ofensivo (RSO) – Recuperação da posse de bola após ter ganho o ressalto da mesma em situação ofensiva.
- Ressalto defensivo (RSD) – Recuperação da posse de bola após ter ganho o ressalto da mesma em situação defensiva.
- Recuperação defensiva (RD) – Recuperação da posse de bola após um passe falhado da equipa adversária ou remate, sem que a bola tenha sido interceptada e sem disputa de ressalto.
- Recuperação ofensiva (RO) – Origem da posse de bola que de uma perda momentânea da mesma, sem que a equipa adversária tenha exercido controlo.
- Golpe duplo (GD) – Acção de recuperação de posse de bola após disputa de golpe duplo.

Fim da posse de bola:

Duque (2004), define o fim da posse de bola como sendo o período de jogo em que uma das equipas perde o seu controlo sobre a movimentação de bola, excepto no caso de continuar na posse da mesma. Assim:

- Remate (R) – Acção individual que tem como objectivo finalizar uma acção ofensiva.
- Desarme (DS) – Perda da posse de bola após um momento de disputa da mesma.
- Falta (F) – Acção individual ou colectiva ofensiva que culmina com uma falta à equipa atacante.
- Golo (G) – Fim da posse de bola resultante da concretização de um golo.
- Recepção falhada (RF) – Perda da posse de bola resultante de uma má recepção que permitiu à equipa adversária recuperar a bola.
- Passe falhado (PF) – Perda da posse de bola após a realização de um mau passe que conduziu a bola à equipa adversária.
- Passe Interceptado (PI) – Perda da posse de bola após intercepção do passe por parte da equipa adversária.
- Final de jogo (FJ) – Perda da posse de bola que coincide com o fim de cada parte do jogo.

Zonas e Áreas de início e fim da posse de bola.

Através destas zonas e áreas representadas no campograma, registamos as zonas do campo em que decorrem as acções de jogo.

- Zona defensiva (ZD) – Zona do meio-campo defensivo compreendida entre a linha de 18 metros, e a tabela de fundo.
- Zona Intermédia (ZI) – Zona compreendida entre as duas linhas de anti-jogo (inclusive).
- Zona de Ataque (ZA) – Zona do meio-campo ofensivo compreendida entre a linha de 22m e a tabela de fundo.

- Área atrás da baliza (A) – Área compreendida entre a tabela de fundo e uma linha imaginária disposta a toda a largura do campo, que passa pela linha de baliza.

- Área intermédia (E) – Área compreendida entre duas linhas imaginárias paralelas, dispostas a toda a largura do campo, que passam pelos pontos C.
- Área central (B2) – Área compreendida entre os pontos C e D, a zona intermédia e a área de grande penalidade.
- Área de baliza (B1) – Área correspondente à área de baliza.
- Área lateral direita (D) – Área compreendida entre a linha lateral da área direita e a tabela lateral direita.
- Área lateral esquerda (C) – Área compreendida entre a linha lateral da área esquerda e a tabela lateral esquerda.

Fases de jogo.

Através das fases de jogo, podemos discriminar se o fim de posse de bola decorreu após um contra-ataque, um ataque rápido ou um ataque organizado, enquadrando as seguintes variáveis:

- Contra-ataque (CA) – Situação de progressão na pista de jogo que é caracterizada por uma superioridade numérica dos atacantes relativamente aos defesas.
- Ataque rápido (AR) – Existe a presença física dos defesas entre os atacantes e a baliza. Nesta situação, o ataque não necessita de recorrer a estruturas tácticas para a tentativa de finalização, dada a falta de organização defensiva.
- Ataque organizado (AO) – Acções dos jogadores atacantes realizadas no meio campo ofensivo, com o objectivo de criar uma situação de finalização.

Sistema defensivo.

Esta dimensão discriminará contra que tipo de oposição defensiva é que uma equipa se depara depois de recuperar a posse de bola, traduzindo-se em:

- Defesa individual (HxH) – Marcação individual dos defesas aos atacantes no seu meio-campo defensivo. A cada defesa pertencerá a responsabilidade de anular os argumentos de dado jogador adversário, podendo verificar-se ocorrências de ajudas defensivas.
- Pressão (P) – Marcação cerrada dos defesas aos atacantes, de modo a recuperarem a posse de bola o mais rápido possível.